

4 Análise temática

4.1 Concepção de ensino de história

A maior parte dos professores entrevistados relacionou o ofício de ensinar história ao objetivo de levar seus alunos a exercitar a “*compreensão*”, o “*entendimento*”, ainda que isso tenha vindo acompanhado de focos singulares ao trabalho de cada um. De acordo com o professor Luís Afonso, por exemplo:

“O estudo da história, assim como o estudo de outras ciências, mas eu acho que a história de uma forma singular e muito forte, ela possibilita o refinamento, a construção e o refinamento de uma lógica compreensiva. Uma lógica compreensiva em relação ao outro, que eu acho que é uma pré-condição para uma lógica compreensiva em relação a si próprio... Eu trabalho principalmente com jovens de onze, doze anos, e isso é um elemento que auxilia muito no esforço de descentração desses jovens”.

Já a professora Renata Augusta considera relevante que as pessoas possam “*construir dentro delas categorias históricas importantes para entender o mundo em que vivem*”. A seu modo, uma outra professora, Ana Carolina, encara o ensino de história como um espaço de “*compreensão de pessoas que viveram antes de nós e que compuseram a vida que nós temos hoje*”. Ana Lúcia, por sua vez, pensa que “*o ensino de história se faz necessário para a compreensão mesmo da nossa realidade... No momento em que a gente entende a história, começa a compreender os nossos passos*”. Jorge Luís, ao marcar o que percebe como significativo no ensino de história praticado na educação básica, refere-se à “*questão da compreensão que a gente trabalha hoje*”. E ainda o professor Wagner Pinto, que lembra que um de seus objetivos é o de “*dotar realmente os alunos de instrumentos que permitam que eles possam entender melhor as coisas*”.

Ou seja, de um modo ou de outro, esses professores afirmam que encontram como uma das motivações para seu trabalho como docentes do ensino de história da educação básica a escolha por uma prática que incentive as crianças, adolescentes e jovens, a compreender sua relação com a época e o mundo em que vivem a partir de uma perspectiva histórica. Assim, recusam práticas puramente

instrumentais como aprender para fazer provas ou para responder a questões do vestibular, ou mesmo um trabalho que se circunscreva à transmissão e memorização de fatos e eventos, ou ainda, algo que pudesse sugerir um aprender por aprender, pois o aprendizado é entendido nesse contexto como expressão de um exercício de reflexão crítica sobre as relações dos seres humanos com o tempo e o espaço. Essa perspectiva encontra eco no olhar de Bezerra (2003) sobre o sentido do estudo da história:

“O objetivo primeiro do conhecimento histórico é a compreensão dos processos e dos sujeitos históricos, o desvendamento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços” (p.42).

Um segundo elemento que para parte desses professores de história legitima seu trabalho nas instituições escolares é a busca por tornar acessível aos alunos uma parcela do conhecimento e da cultura elaborados pelos seres humanos ao longo do tempo. É do que trata a professora Helena Araújo ao defender como uma das tarefas do ensino de história *“trabalhar... numa democratização de um acesso ao saber, do conhecimento mais sistematizado, que é uma obrigação da própria escola”*. É o que também reivindica o professor Wagner, a partir de uma reflexão do historiador e editor Jaime Pinsky:

“Uma das funções do professor de história é passar a herança do patrimônio cultural que o homem veio construindo ao longo do tempo e tentar fazer com que esse patrimônio cultural possa fazer sentido para o aluno dentro de seu universo cultural”.

Uma outra concepção de ensino de história traz a idéia de que seu conhecimento possa servir como ferramenta de mudança. Isso apareceu na fala de Renata:

“A história tem um papel transformador na vida de qualquer pessoa, então acho importante as pessoas terem noção deste processo histórico... Para entender o mundo em que vivem, e até para modificar esse mundo... Eu acho que a história ainda tem esse papel transformador”.

Ana Lúcia compartilha essa visão: *“Acho que entendendo melhor a história, a gente pode compreender que pode mudar e que o destino desse país está em nossas mãos”*.

Ao examinar propostas curriculares de história do ensino fundamental de praticamente todos estados brasileiros no período de 1990 a 1995, a professora Circe Bittencourt (2004) chegou a conclusões que, de algum modo, podem ser identificadas com o depoimento dessas professoras:

“As introduções dos textos oficiais reiteram, com insistência, que o ensino de História, ao estudar as sociedades passadas, tem como objetivo básico fazer o aluno compreender o tempo presente e perceber-se como agente social capaz de transformar a realidade, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática” (p.19).

Acredito que um ponto de contato entre os depoimentos anteriores está na preocupação, expressa por Helena, de que o trabalho com os alunos deve buscar *“ampliar seu horizonte enquanto cidadão... na sua dimensão política, para que ele possa se posicionar no mundo de uma forma mais consciente, mais crítica”*. Na opinião dessa professora, a educação básica não tem como objetivo formar historiadores, *“o sentido da história na educação básica é trabalhar em uma ampliação da cidadania”*.

A meu ver, as três professoras expressam em suas falas o desejo de que o ensino de história, de alguma forma, contribua para a formação de uma jovem cidadania sensível e comprometida com as questões de seu tempo. Em um exame do tema nos PCNs, Magalhães (2003) encontrou uma visão semelhante:

“Na questão da cidadania, os PCNs partem do pressuposto de que o ensino de história favorece a formação do estudante como cidadão no sentido de ter uma atitude crítica diante da realidade” (p.176).

Uma forma de atuação no ensino de história, lembrada por dois dos profissionais entrevistados, refere-se à formação dos jovens no sentido de capacitá-los para ler e analisar criticamente a produção cultural, acadêmica ou não, com a qual são confrontados no mundo contemporâneo, incluindo aí os textos e documentos oriundos do esforço dos historiadores para explicar tanto o tempo passado como a época presente. Assim, Helena Araújo coloca como uma das tarefas dos profissionais que atuam nessa área trabalhar na formação *“do consumidor e do leitor crítico, mais consciente de suas escolhas, de suas escolhas políticas, pessoais, em todos os sentidos”*. Para Wagner, uma das funções de seu ofício junto aos estudantes

“é dar instrumentos de análise, de percepção de leitura... Isso é até um dos motivos de se utilizar outras formas de linguagem, como a imagem, o cinema... Ah, e além do mais, como qualquer professor de qualquer disciplina, ajudar a ler e escrever, não é? Tem a leitura... os textos, a percepção, ficam muito mais aguçados com uma boa leitura”.

Três dos docentes entrevistados relacionaram o ensino de história ao tema da vida. Foram recorrentes expressões como as que se seguem: *“ensinar história é ensinar sobre vida”*;

“mostrar como se vive afinal de contas, a história como coisa viva”;

“compartilhar sentimentos, saberes, emoções e aprender nesse jogo, nesse interesse da relação com os alunos e com as pessoas que estão em volta”.

Para Helena, uma das razões de ensinar história é *“para que a gente possa trabalhar com uma memória com nossos alunos”*. Essa é uma preocupação destacada também por Hobsbawn (1995) em seu estudo sobre o século XX:

“A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio” (p.13).

Tema igualmente analisado por Martins (2004) no texto *“História e ensino de História: memória e identidades sociais”*³, no qual a professora lembra que:

“Os estudos sobre memória se universalizaram no momento em que, como nunca, o passado está distante do presente, quando as pessoas não mais identificam sua herança, pela perda dos antigos padrões de relacionamento social e desintegração dos antigos laços entre as gerações” (p.2).

³ Apresentado no V Encontro Nacional “Perspectivas do Ensino de História: Sujeitos, Saberes e Práticas” realizado no Rio de Janeiro de 26 a 29 de julho de 2004.

4.2

O significado do cinema para professores de história

Nesse ponto, o que inicialmente chama a atenção nos depoimentos dos professores entrevistados é sua forte identificação com esse tema:

“Eu adoro cinema desde pequena... Cinema é uma coisa assim que me encanta, muito antigo” (Helena)

“O cinema é um espaço de prazer, é um espaço de diálogo” (Luís)

“Eu sou cinéfila, adoro cinema, vou muito a cinema” (Renata)

“Pessoalmente, o cinema sempre compôs uma linguagem fascinante desde a infância” (Ana Carolina)

“Olha, eu amo cinema... Então, eu me emociono com o cinema” (Ana Lúcia)

“Para mim representa vida... É emoção, é transformação, é o cotidiano, é a magia...” (Hilton)

“Antes de tudo, eu sou cinéfilo. Cinéfilo, mesmo, de carteirinha” (Jorge)

“Eu sempre curti muito cinema” (Wagner)

Sem dúvida, o fato desses professores terem se prontificado a falar sobre as relações entre cinema e ensino de história e terem sido indicados por seus pares como alguém que poderia dar um depoimento sobre o tema, já era um forte indício do perfil desses professores. As entrevistas confirmaram uma presença significativa do cinema na vida e trabalho desses profissionais, o que, a meu ver, indica que a escolha pelo uso de filmes em sala de aula guarda vinculação com a vida pessoal. Para esses docentes, a prática de exhibir filmes no espaço escolar se deve à presença forte do cinema em suas vidas.

Dentre as trajetórias de ligação com o cinema, a do professor Jorge Luís apresenta contornos muito particulares: de acordo com seu depoimento, houve momentos em que chegou a assistir a cinquenta filmes em vinte dias (por exemplo, na mostra de cinema organizada, nos anos 1980, pelo Cineclube Banco Nacional de Cinema, atual Estação Botafogo). Por outro, como foi proprietário de uma locadora durante oito anos, catalogava, escrevia, *“dava cotação”*, fez o registro de mais de cinco mil filmes. Além disso, por ter trabalhado na Fox, também atuou na venda de filmes. Portanto, um percurso muito singular de contato com a produção cinematográfica seja como *“cinéfilo de carteirinha”* seja

como profissional que alugava e vendia filmes, anos antes de optar por fazer sua formação em história. A professora Ana Lúcia, que se comoveu ao falar do significado do cinema, cultivava com este um flerte antigo. Tendo sido formada em Artes Cênicas pela CAL (Centro de Artes de Laranjeiras), confidencia: “*Eu tentei seguir essa carreira de atriz, sei que cinema é mais difícil, mas sinceramente, eu gostaria de buscar esse lado*”.

Pelo que me relataram os demais docentes, todos passaram a fazer uso do filme em sala de aula a partir de uma trajetória de expectadores entusiastas do cinema.

A propósito de como vêem o cinema, a percepção mais recorrente é de que ele é uma forma de arte, “*uma linguagem da arte dentro de um campo amplo da cultura*” (Helena); “*uma arte sintética... que tem muito a feição do nosso tempo... das possibilidades e dos limites do nosso tempo*” (Luís); “*uma arte que me deixa estasiada assistindo... reúne música, imagem, textos; (...) a arte contemporânea. Uma das mais fortes*” (Ana Lúcia).

De acordo com Bernardet (2004), ao examinar o nascimento do cinema em fins do século XIX e início do XX, uma arte que surge paralelamente à consagração da burguesia como classe e que fortalece um universo cultural que expressa seu triunfo e imagem. Para esse autor:

“A burguesia pratica a literatura, o teatro, a música, etc., evidentemente, mas essas artes já existiam antes dela. A arte que cria é o cinema. Não era uma arte qualquer. Reproduzia a vida tal como é – pelo menos essa era a ilusão. Não deixava por menos. Uma arte que se apoiava na máquina, uma das musas da burguesia. Juntava-se a técnica e a arte para realizar o sonho de reproduzir a realidade” (p.15).

O cinema como campo da cultura, também encontra eco nas palavras de Renata Augusta: “*Ele é o produto cultural de um tempo, de uma sociedade, de uma cultura*”.

Para Jorge Luís,

“*cinema é atitude: é ver o filme além; ver fotografia; ver roteiro; ver se houve falha. Tanto que eu não gosto de ver um filme uma vez. Ainda mais se é um filme que eu gosto*”.

Este professor atribui ao cinema um papel formativo:

“Voltando à questão da cultura, me parecem que são duas coisas que se ligam. O cinema é totalmente... Não só o cinema, como o teatro, claro, até mesmo a televisão, em algum sentido, é que dão cultura a uma pessoa”.

Ana Carolina vê nessa arte

“uma maneira diferente de se contar uma história... uma vida de uma pessoa, um acontecimento, alguma coisa... Eu sempre tive muita curiosidade sobre as outras pessoas e essa curiosidade leva você a buscar uma maneira de entendê-las. O livro era uma e o cinema era outra”.

Em suas reflexões, lembra que apesar da imagem parecer óbvia, ela permite múltiplas interpretações, o que para essa professora, também é característico de todas outras artes, como a música, por exemplo.

Essa fala me remete a uma observação feita pelo escritor e roteirista Jean Claude Carrière (2006) sobre o ofício de fazer filmes: “Quem faz cinema é herdeiro dos grandes contadores de histórias do passado e mantenedor da tradição deles” (p.182). Para Carrière, isso corresponde, ainda hoje, a “uma verdadeira necessidade, a nossa necessidade de ouvir histórias” (p.184) que não se dá apenas ao nível dos indivíduos, mas, muitos acreditam, também por parte de uma sociedade:

“Não ser mais capaz de contar a própria história, de se situar satisfatoriamente dentro do tempo, poderia realmente iniciar o processo de desaparecimento de povos inteiros, desligados de si mesmos pela falha de uma memória em se renovar e em continuar a se renovar. Desligados de si mesmos e talvez levados à loucura” (p.185).

O professor Hilton afirma que, encontra no cinema uma fonte capaz de registrar *“os momentos de mais pura felicidade ou então de mais pura reflexão... É a fonte de jovialidade do espírito, do ensino e do trabalho...”*. Além de se constituir, para ele, em um hobby.

Retomo a professora Renata e suas preocupações com o contexto histórico-cultural de produção de um filme. De acordo com ela, é instantâneo sair do cinema e querer entender

“que sociedade produziu aquele filme? Quais as intenções daquele diretor? Por que esse filme está sendo produzido nesse tempo e não em outro? Com o que ele está dialogando? Quais são as referências?”.

Nesse ponto de contato com as percepções dos professores entrevistados sobre o cinema, vale a pena registrar modos próprios de dois deles lidarem com a

produção cinematográfica. Enquanto Wagner não se vê entre aqueles que acreditam na máxima de “cinema é a maior diversão”, Renata não descarta “aquele cinema de pura diversão”, apesar de dizer que acredita na possibilidade de se extrair uma mensagem histórica ou uma mensagem cultural de um filme. Wagner vê o cinema muito mais como expressão de arte:

“Eu acho bonito quando você percebe na feitura, na maneira de fazer o filme, não só na estória, não só no enredo, mas você percebe o cuidado com a imagem e o que se pode ver a partir daquilo”.

E declara:

“Os filmes que eu gosto mais de ver não são aqueles utilizáveis em sala de aula, porque... Às vezes ficam com uma linguagem mais diferente, alguma coisa assim... Mas, o que eu acho bom é também apresentar filmes para os alunos, nem que seja apenas por sugestão muitas vezes. Filmes que fujam daquele enredo começo, meio e fim, coisa assim. Eu vejo realmente o cinema como uma sétima arte, como uma outra forma de arte, mais que diversão”.

Acerca dessa última discussão, penso que caiba a lembrança de que na história do cinema não necessariamente arte e diversão caminharam separadas. Dois exemplos clássicos em contrário, apreciados por milhões de amantes do cinema, entre eles muitos professores de história, são “Tempos Modernos” e “O Grande Ditador” de Charles Chaplin. Reconhecidas como das melhores expressões da arte cinematográfica do século XX, ao mesmo tempo em que são lembradas por sua capacidade não só de fazer rir, mas, inclusive, de ao fazê-lo, estimular a reflexão sobre temas cruciais da vida e da história humana.

4.3

Relação entre cinema e ensino de história

A ligação mencionada pela maior parte dos professores faz referência à contribuição que a imagem em movimento traria para o processo de conhecer e ensinar história e à força da imagem como “reconstrução” ou representação do real:

“O cinema traz a possibilidade de uma concretude a nossos alunos, principalmente, de quinta a oitava, num momento em que a história ainda é uma das disciplinas mais abstratas” (Helena)

“É a possibilidade da visualização de determinados dados de que eu falo em sala. Eu acho que ele enriquece com a possibilidade de uma linguagem visual. Diferente da linguagem do livro didático e diferente da linguagem do livro paradidático, que é um outro recurso que eu acho fundamental” (Ana Carolina)

“Determinados filmes, ainda que não sejam filmes históricos, eles abordam determinados aspectos da vida do ser humano, que eu acho que sensibiliza muito mais através da imagem do que, muitas vezes, você falando numa aula expositiva” (Ana Lúcia)

“O cinema é uma grande ferramenta para a gente mostrar como os fatos acontecem... e como a gente pode construir a própria história através de imagens... a gente sabe que esses meninos hoje tendem muito para o lado audio-visual” (Hilton)

“... a imagem é muito forte. O próprio aluno com a imagem consegue conhecer melhor do que só a gente falando” (Jorge)

“Existem relações que são mais imediatas, mais evidentes, quando você pode fazer uso de um filme histórico, digamos, e você pode apresentar para eles mais do que simplesmente um conteúdo, mas que eles possam visualizar... Se fazer presente através da imagem...” (Wagner)

Ou seja, esses professores encontram na imagem filmica um aliado para o trabalho em sala de aula ensinando história para crianças, adolescentes e jovens. Acredito que a fala da professora Helena Araújo expressa de algum modo o olhar dominante nesse grupo, qual seja, de que o filme permite aos professores tornar concretos através da imagem em movimento conteúdos, conceitos, expressões da vida cotidiana, trabalhados no ensino de história que, para os mais jovens, podem ser extremamente abstratos. Tendo em conta os estudos de Piaget, essa professora lembra que é o caso, por exemplo, do conceito de tempo:

“... a noção de tempo é a mais difícil da criança concretizar, ela ainda vem depois da de espaço. Então, ter a habilidade da reversibilidade temporal, nem sempre, antes dos doze, treze anos, está concretizada nos nossos alunos. É claro que tem as questões culturais que envolvem, mas existe também este dado que a gente não pode menosprezar... E o filme nos traz a possibilidade deste resgate no imaginário, mesmo que às vezes não seja tão perfeito quanto os historiadores gostariam, mas a gente pode trabalhar com isso. Então, acho que isso incentiva muito os alunos, eles gostam, eles têm prazer e isso educa muito”.

Penso que a professora Helena Araújo toca em pontos importantes: a receptividade, em geral, positiva que os alunos têm do uso do filme no ensino de

história, o prazer que deriva do contato com uma obra cinematográfica de qualidade e o quanto isso incentiva o aprendizado e a formação dos alunos.

Como educador, me encontro entre aqueles que crêem na impossibilidade do processo pedagógico poder de todo excluir momentos de aridez e de árduos desafios aos educandos, no entanto, em minha perspectiva, essa compreensão só reforça a importância central que deva ter a busca pelo prazer nas atividades relacionadas à aquisição, construção e reconstrução de saberes.

Portanto, como Helena, vejo como um aspecto auspicioso o fato de, em geral, os alunos relatarem terem satisfação com o uso do filme no ensino de história, percepção também muito presente entre os demais professores que entrevistei para esse trabalho. De certo modo, entendo que isso demonstra o quanto o prazer pode ser um elemento vital na formação de crianças, adolescentes e jovens.

De outro, a afirmação da professora Helena Araújo de que trabalhar com filmes tem um componente educativo, de certa maneira, também é compartilhada pela professora da PUC-Rio, Rosália Duarte, estudiosa das relações entre cinema e educação. Ao discutir o papel social do cinema, essa docente afirma que, entre outras, também as relações que se estabelecem entre espectadores e filmes são profundamente educativas (p.17). Portanto, segundo Duarte (2002):

“Ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”(p.17).

Ou seja, ter contato com uma obra cinematográfica pode tanto favorecer o acesso ao conhecimento e ao aprendizado quanto o mergulho em outras tantas fontes de saber. Assim, para a autora, “esse é o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional – sua natureza eminentemente pedagógica” (p.19).

Um segundo tema presente nos depoimentos foi a atenção de três desses professores ao contexto histórico-cultural de produção fílmica, questão já antecipada pelas professoras Renata e Helena em item anterior. Aqui, Renata a nomeia como “*condições de enunciação do filme*”, que dizem respeito, ao momento em que ele foi produzido, quais as intenções do roteirista, do diretor, produtor, entre outros. De acordo com seu depoimento, Renata teve contato com essa discussão em um curso sobre cinema, ministrado pela professora Mariza de Carvalho Soares, durante sua graduação no departamento de História da UFF.

No entanto, lamenta que em sua prática de sala de aula ainda não tenha explorado plenamente essa perspectiva de trabalho com o filme, que acredita ser mais viável a partir da oitava série. Sua experiência tem sido mais

“de usar o filme, como se ele tentasse mostrar algum conteúdo trabalhado em sala de aula... como se fosse uma segunda voz, um reforço ou então alguma coisa que vai incentivar, despertar para um determinado conteúdo que vem depois... Mas, em geral, é assim: como se o cinema pudesse mostrar com imagens, alguma coisa que a gente apontou em sala de aula ou virá a apontar. E em cima do filme, eu faço depois uma discussão... Aí, até falo da questão da autoria, da direção, dos atores, por que... Mas sempre tentando obedecer à maturidade de cada série”.

Helena, considera:

“sempre importante ao docente situar com os filmes que se trabalha em sala: de quando é a produção, quem é o cineasta, diretor, em que país este filme foi produzido, para que os alunos tenham a noção de que este filme também traz uma história com ele. Ele se faz dentro de um contexto cultural”.

Ao examinar as relações entre história e cinema, Kornis (1992), de algum modo, toca no tema discutido por esses últimos professores, quando afirma:

“o que é importante registrar é que hoje se admite que a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, ela a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico” (p.2).

Tema igualmente presente nas reflexões de Sorlin (1994). Esse autor lembra que, se quisermos entrar na inteligência da imagem precisamos compreender que ela “não é feita por qualquer um. Ela é feita por um homem que ganha a vida fazendo imagens e que obedece a um certo número de regras” (p.85).

Nessa mesma linha, Saliba (2007) defende a idéia de que todo o esforço didático do professor deve ser no sentido de mostrar “como os filmes (ou imagens) são produzidos” (p.97). Em texto anterior, esse autor (2004) já havia chamado a atenção para o fato de que à maneira do conhecimento histórico, o filme que é produzido também irradia um processo de pluralização de sentidos e verdades, portanto, é preciso ter-se em conta que “o filme é uma construção imaginativa que necessita ser pensada e trabalhada interminavelmente” (p. 120).

Acredito que esses autores, cada um a seu modo, de uma certa maneira, corroboram as preocupações de parte dos professores entrevistados ao indicarem a

importância de que o leitor de imagem, aí incluída a imagem fílmica, esteja atento a reconhecer os diversos contextos nos quais uma obra desse tipo é produzida, sem o que, fracassará, pelo menos em parte, o projeto de tê-la como algo passível de ser entendida em sua profundidade.

Para educadores que trabalham com crianças, adolescentes e jovens, essa responsabilidade aumenta, na medida em que desses profissionais, de certa forma, dependem os educandos para construírem a capacidade de se alfabetizarem para lidar de uma maneira, no mínimo, menos ingênua com o artefato audiovisual, entre eles, o filme.

Por uma outra via, Luís Afonso, ao dar conta de que em sua prática de sala de aula tem o cinema como um documento, traz para sua fala o historiador francês Marc Ferro, ao considerar que uma das duas entradas do filme como leitura da história passa por ele permitir “*ler o tempo no qual ele foi criado, ele foi pensado, ele foi filmado*”. Portanto, não só é possível

“revisitar a época ali trabalhada, mas pensar, por que será, digamos, que na década de 1980, 1950, um cineasta pensou em visitar essa temática, e de que forma ele a visitou e de que outras formas essa temática foi revisitada em outros momentos por outros cineastas”.

Lembra o professor Luís Afonso, que trabalhar o cinema como documento faz parte de uma opção de trabalho em que, mais do que um objetivo, o exercício de leitura de documentos “*é uma das estratégias, fundamentais para a construção de um conhecimento histórico*”. Isso implica, segundo esse professor, em um investimento que deve ser feito na escola para “*desenvolver uma série de práticas, de condutas, para a gente pode ler*”, já que não se pode de antemão considerar os educandos prontos para fazer esse tipo de leitura, muitas vezes, de menor familiaridade do que a leitura e interpretação de um documento escrito. Em sua prática específica, ele realiza esse trabalho especialmente com alunos do terceiro ano do ensino médio, em um curso intitulado “História e Cinema” que, articulado ao programa da série, acontece em horário fora das aulas regulares.

De acordo com Kornis (1992), a possibilidade de se ter o cinema como documento começou a ganhar força nas décadas de 1960 e 1970, quando o debate historiográfico deu destaque à importância da diversificação das fontes a serem utilizadas na pesquisa histórica. Em um primeiro passo significativo, a chamada Nova História ampliava o conteúdo do termo documento, incluindo aí a imagem e

o som, entre outros, além de chamar a atenção para a importância da crítica ao documento.

Em um segundo momento, no âmbito da própria Nova História, os historiadores ligados à história das mentalidades passam a tomar a iconografia como fonte privilegiada, relativizando o domínio quase absoluto até então da fonte escrita. Segundo essa autora, nesse contexto de reflexões,

“o filme adquiriu de fato o estatuto de fonte preciosa para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, dos valores, das identidades e das ideologias de uma sociedade ou de um momento histórico” (p.239).

O cinema como documento também esteve presente nas observações do professor Wagner Pinto:

“Às vezes o filme todo se for analisado em termos históricos, ele não vai passar por uma avaliação mais criteriosa, então eu posso usar o filme apenas em um pequeno trecho, como uma ilustração, ou na verdade como se fosse uma imagem a ser analisada. Da mesma forma que a gente pode usar um quadro, uma pintura, e eu costumo fazer isso, a gente analisa a pintura e percebe os valores da época, coisa assim... Como uma certa ilustração. Eu acho que o cinema, por um lado, pode ser usado assim... E obviamente há outros filmes que você pode usar de uma forma mais completa. Como um enredo que permita substituir mesmo, digamos, uma aula expositiva pela maneira de apresentar que aquele filme trouxe. Então, eu posso ver um filme como se fosse uma narrativa de um fato; posso ver um filme como uma imagem, que me permita um tipo de leitura; eu posso ver um filme como um documento histórico – é o momento em que ele foi produzido, por que aquela forma – então, depende na verdade do assunto, vai depender da turma, do momento... Às vezes, funciona em uma turma e, na mesma série, em outra turma, eu já prefiro nem utilizar... Então, depende realmente daquele objetivo. Mas eu acho que são essas possibilidades: a narrativa; a imagem que é analisada; e também os documentos históricos”.

Ana Carolina justifica o uso do cinema na escola como uma oportunidade de “dar ao aluno uma certa completude de linguagem, de visões...”, lembrando que utiliza todos os recursos que possa propiciar aos alunos o contato com um universo amplo de linguagens.

Ramos (2005) afirma que a entrada mais sistemática do cinema e do teatro no espaço escolar favorece a incorporação das “linguagens artísticas” ao ensino, fenômeno para o qual os profissionais de história que trabalham com questões didático-pedagógicas devem estar atentos por suas potencialidades, desde que devidamente orientado para desdobramentos efetivamente inovadores (p.178). Seu temor em relação ao uso do videocassete/DVD é que isso signifique tão

somente o acréscimo de mais um suporte material para o oferecimento de informações, sem que se modifiquem “os aspectos essenciais e perversos do processo de ensino-aprendizagem dominante” (p.179).

Ana Carolina acrescenta: *“Eu sei que é editado, eu sei que é recortado, eu sei que tem às vezes problemas em termos históricos, mas o filme permite que o aluno viaje”*.

Esse problema da avaliação do filme em termos históricos, também foi objeto de observação de Helena nos seguintes termos:

“Com todas as críticas que a gente possa trazer, muitas vezes àquela produção que historicamente não está tanto do gosto da gente, dos historiadores... Eu acho que sempre tem mais pontos positivos do que negativos, porque a gente pode trabalhar o cinema no seu lado crítico, também na análise do que a gente possa discordar do filme”.

Parece-me que essa concepção dos três professores acerca da possibilidade de se depararem nos filmes trabalhados no espaço escolar com problemas de tratamento da história, revela uma capacidade de relacionar-se de forma crítica com a produção fílmica, o que penso, seja um elemento importante no modo de qualquer cidadão, estudante ou docente lidar com os produtos culturais. No caso dos educadores, entendo que o exercício da crítica rigorosa e fundamentada deva ser uma obrigação de ofício, além de uma atitude pedagogicamente relevante à formação de seus educandos. Desse modo, os problemas detectados em um filme, em termos de correção e precisão históricos, são também uma oportunidade de se trabalhar o cinema em uma perspectiva crítica, que leve em conta as diversas leituras da história que circulam em uma sociedade.

Ana Lúcia, em seu depoimento, referiu-se ao fato de ser automático ao assistir a um filme pensar na sua aplicabilidade: *“Nossa, como aquilo ali potencializa determinado tema, como aquilo sensibiliza!”*. Dessa forma, afirma, teve a atenção chamada para a possibilidade de uso do filme no ensino de história.

De acordo com o professor Hilton,

“o cinema vem trazer uma nova forma de se compreender, analisar, trabalhar e ensinar a própria história... Eu gosto muito, eu uso muito o cinema, como uma forma de reflexão... acho que o cinema traz o que é mais importante que é a reflexão, o discurso, o diálogo, então para mim cinema e história andam juntos”.

Para o professor Jorge Luís,

“cada matéria que a gente dá, para quem gosta de cinema como eu, graças a Deus, tem um filme pelo menos. Pelo menos! Dificilmente, você vai ter um que não tenha uma relação”.

No entanto, faz questão de frisar, não basta “passar o filme”, é preciso “aliar à história, mostrar o que aquilo representou... sempre tendo um debate”. Ao referir-se à presença da imagem-movimento em sala de aula, afirma que “mal ou bem, ela segura”, em especial quando se tratam de alunos, inicialmente, menos interessados no conhecimento da história.

Para finalizar esse tópico, retomo Helena Araújo. A partir de uma intervenção do educador Tomaz Tadeu – “toda pedagogia é cultural e toda cultura é pedagógica” – a professora defende que o cinema

“evidentemente educa, ensina, quer a gente queira ou não, como a televisão também. Mas o filme, especificamente, quando é um filme histórico que a gente possa trabalhar na nossa sala, ele nos permite através desta educação - muitas vezes, de formação de identidade, da subjetividade daqueles sujeitos - inter-relacionar com os fatos históricos que o aluno sente mais vivo, mais próximo, mais representado, mesmo que a gente venha até discutir algumas representações que o filme venha a colocar”.

4.4 Motivações para o uso do filme

Foi unânime entre os docentes entrevistados a justificativa de uso do filme em sala de aula por razões de ordem metodológica, ainda que alguns desses professores tenham apresentado outros motivos que se somam a esse. De acordo com Abud (2003), a utilização de filmes tem sido, sem sombra de dúvida, “um dos elementos constitutivos de uma nova metodologia para o ensino de História” (p.183).

Tomo como ponto de partida, os depoimentos dos professores Helena Araújo e Luís Afonso por se identificarem com a idéia de terem o filme como uma fonte da história:

“Eu acho que ele é uma ferramenta fundamental: como a história oral, a música de época, os textos primários e secundários, etc. Então, eu vejo o filme muito mais como uma fonte” (Helena Araújo)

“No curso de quinta série, um curso curricular, o filme aparece aí, sobretudo os documentários recentemente produzidos, que na verdade são

uma reunião de uma série de fontes... Como mais uma fonte” (Luís Afonso)

Ainda de acordo com esse professor, o filme é uma fonte muito interessante:

“porque ela está muito presente na nossa vida, não é? Assistir a filmes é uma prática nossa, nós professores, nós alunos. Eu acho que ele é interessante pela riqueza dele: um filme pode trazer uma série de possibilidades de leituras de uma sociedade numa determinada época. Além disso, eu acho que é importante que, ao assistirmos ao filme encarando como um documento, esse olhar em relação ao filme – que transcenda, única e exclusivamente, o deleite que ele possa nos provocar – possa ser exercitado, e aí, poder esse mesmo caminho ser trilhado na nossa vida mundo a fora”.

A afirmação inicial do professor Luís Afonso também é partilhada por Duarte (2002):

“de um modo ou de outro, o cinema está no universo escolar, seja porque ver filmes (na telona ou na telinha) é uma prática usual em todas as camadas sociais da sociedade, seja porque se ampliou, nos meios educacionais, o reconhecimento de que, em ambientes urbanos, o cinema desempenha um papel importante na formação cultural das pessoas” (p.86).

Para Helena,

“o uso do filme na sala de aula vem num sentido, não só metodológico, mas filosófico, que eu acho que é o mais importante. Não é usar o filme pelo filme, para matar o tempo ou distrair os alunos. Mas usá-lo numa proposta construtivista de construir o conhecimento histórico”.

Frisa, que o uso do filme no espaço escolar, muitas vezes, encontra resistências:

“Ainda, lamentavelmente, na maioria das escolas que a gente trabalha, isto nem sempre é bem visto pelas coordenações pedagógicas. Ainda há um rótulo de que o professor que está passando filmes está enrolando”.

Essa percepção foi reiterada por alguns dos outros entrevistados. Em pelo menos alguma circunstância ao longo de suas experiências profissionais, alguns desses docentes enfrentaram situações de desconfiança em relação à legitimidade do uso de filmes no espaço escolar, inclusive por parte dos alunos. Por outro, foi unânime entre esses depoentes a avaliação de que essa reserva vem seguidamente perdendo força.

A professora Renata Augusta, expressou sua preocupação de “*tentar humanizar*” o processo histórico que ela, como professora, tenta construir com o aluno

“acho que... a imagem, a fotografia, a pintura e o filme, por excelência, até pela questão da dinâmica, da fala, está vivo, não é? Com o cinema parece que realmente você humaniza e deixa vivo alguma coisa que você está querendo falar. Então, acho isso importante. Eu tenho essa preocupação de humanizar aquilo... a história. Porque às vezes parece uma coisa muito distante, a gente só fala de mortes... Então, você, de alguma forma, tenta mostrar para o aluno que ela fez parte de um cotidiano, que aqueles personagens envolvidos, de repente, eram pessoas que nem eles, entendeu? Se relacionavam com outras pessoas. Eu acho que, às vezes, e é uma coisa que eu me bato muito nessa questão até do próprio texto do livro didático, de outros textos também que a gente faz uso, eles não dão conta dessa dimensão humana da história. Eu acho uma falha”.

Para uma outra docente entrevistada, Ana Carolina:

“dependendo do tema da série, o uso do filme - como um documentário, por exemplo - pode servir tanto para sistematizar, como para permitir uma visão, das cidades antigas, em determinadas circunstâncias, pois é muito mais fácil, às vezes, você entender uma cidade grega, uma cidade romana, visualizando-a. Nesse caso é mais fácil perceber isso tridimensionalmente”.

De acordo com Carrière (2006),

“Se o trabalho do filme estiver bem feito (...) a resultante visualização da História pode não só ser envolvente, mas também pode nos ajudar – pelas atitudes, representações, ações e até sons – a nos aproximar do passado” (p.59).

Ana Carolina também chama a atenção para o fato de que

“quando você passa um filme de ficção, que não documentário, você cria identificação com os personagens, fazendo com que o aluno, muitas vezes, se interesse muito mais pela matéria, pois é a partir dos personagens que você chega à parte histórica”.

Ao discutir os fatores que atuam na relação do espectador com os filmes,

Duarte (2002) aponta a identificação como um dos mais importantes:

“No que diz respeito ao cinema, identificar-se com a situação que está sendo apresentada e reconhecer-se, de algum modo, nos personagens que a vivenciam é o que constitui o vínculo entre o espectador e a trama. Os cineastas costumam dizer que sem identificação não há filme, ou seja, nada daquilo funciona. Para que a história faça sentido e conquiste a atenção do espectador, até o final, é preciso que haja nela elementos nos quais o espectador possa reconhecer e/ou projetar seus sentimentos, medos, desejos, expectativas, valores e assim por diante” (p.71)

Ainda de acordo com a professora Ana Carolina, o filme é um recurso que você tem que utilizar, porque o interesse dos alunos no mundo de hoje é muito visual. Boa parte deles e de suas atividades cotidianas estão marcadas pelo contato permanente com o computador e a televisão. Assim,

“você fala de teatro, livro, você atinge, mas não chega ao cerne deles. Quando você junta isso com o filme, você consegue trazer interesse para o texto, para o teatro”.

Desse modo, esta professora entende que está propiciando uma experiência de formação humana mais completa e voltada a alcançar seu objetivo, ou seja, o de que os estudantes comecem a gostar de todas as linguagens e a se interessar por todos os temas. Afirma ainda que, para ela, estes são *“recursos para você criar elos afetivos”*.

Tomo a avaliação de Ana Carolina sobre a forte vinculação dos atuais educandos com o mundo imagético para trazer ao texto uma reflexão de Saliba (2007). Segundo esse autor, o preocupa como educador a *“intoxicação de imagens”* que nossa sociedade vive e uma possível reprodução acrítica dessa situação por parte da escola. Nesse sentido, defende que o interesse disseminado pelas imagens seja canalizado para finalidades educacionais.

Para esse historiador, planejar um curso inteiro com filmes pode ser muito sedutor, mas pouco crítico. Ao final, se estaria repetindo o que já ocorre fora da escola: uma avalanche de imagens. Portanto, a seu ver, é preciso que os professores não percam de vista a necessidade de estimular seus alunos a exercitarem uma *“atenção discriminatória”*, ou seja, que saiba selecionar o que seja significativo em termos de imagens, daquilo que pouco ou nada tem de relevante, segundo o autor, processo fundamental para qualquer aprendizagem. Em última instância, lembra, *“temos que nos esforçar para introduzir novos pontos de referência e outras grades de leitura neste oceano de imagens não-hierarquizadas”* (p.90).

A professora Ana Lúcia indicou como maior motivação para o uso do filme na escola, a oportunidade de trabalhar a sensibilização para os temas do campo da história. Assim como a professora Ana Carolina, para ela: *“nós somos seres tomados pela questão da visibilidade”*. Por outro lado, afirma que esse é um

caminho que atrai a atenção do aluno, fazendo com que “*mergulhe de cabeça*” naquilo que está sendo trabalhado. Além disso, acredita que o filme permite

“iniciar um determinado assunto; uma conclusão; desenvolve de forma brilhante, muitas vezes, uma idéia que você está trabalhando e que o aluno ainda não entendeu profundamente ou não se sensibilizou”.

De acordo com Hilton Meliande, o uso do filme, além de permitir a reflexão sobre a temática histórica, favorece a que se possa transformar o que era um registro escrito ou mesmo o que parecia não ter importância em algo que “*através de uma cena, através de um olhar, ganha uma infinidade de sentimentos e reflexões*”. Assim, fazendo com que a história seja percebida como “*muito mais presente do que se imagina*”.

O professor Jorge Luís indicou sua forte ligação com o cinema e a história e sua convicção na possibilidade de articulá-los, como a motivação primeira que o leva a trazer o filme para a sala de aula. No entanto, mais de uma vez, fez questão de afirmar que tem como estímulo maior para seu uso, propiciar aos jovens o acesso à produção cinematográfica como bem cultural. Em seus termos: “*o que eles gostam é pancadaria, aventura... a gente tem que mostrar o outro lado*”.

Em seu depoimento, Wagner Pinto informou fazer uso do filme como um instrumento que possa, de alguma maneira, “*facilitar ou a compreensão dos alunos em determinado assunto ou que suscite algum tipo de discussão, um debate...*”. Esclarece, que isso também ocorre tendo como suporte um conto, por exemplo. Cita “*Sonhos Tropicais*”, ambientado na Primeira República, como um filme “*que serve como uma narrativa, porque é bem muito bem contado, há uma boa reconstituição da época...*”. Portanto, a definição do que possa encaixar-se melhor em suas aulas – se um texto literário, uma pintura ou um filme – dependerá do que se adegue melhor ao objetivo que ele tenha no momento.

4.5 A escolha dos filmes

Metade dos professores entrevistados referiu-se ao perfil da turma como um aspecto importante a ser levado em conta no momento de fazer a escolha por um filme a ser trabalhado em sala de aula, como exemplificam estas falas:

“Tem a questão de você tentar passar um filme que, de alguma forma, a turma vai assimilar” (Renata Augusta)

“É tudo muito referenciado na turma: a duração do filme; o tipo de estória; o tipo de filme” (Ana Carolina)

“Depende da turma. Eu posso sentir que naquele ano, naquela turma, não vai dar. Não vão segurar um filme como ‘O ovo da serpente’ ” (Wagner Pinto)

As professoras Helena Araújo e Renata Augusta fizeram uma relação direta entre o ato delas próprias assistirem a filmes e a escolha para uso no ensino de história:

“Ao assistir, evidentemente, eu já tenho um olhar trabalhado de pensar em que aula eu posso encaixar aquele filme, em uma proposta não só dentro do ensino de história, mas, muitas vezes, formativa, educativa” (Helena)

“O primeiro critério é eu já ter visto o filme e ter lembrado que, de algum modo, ele trata de conteúdo (curricular)” (Renata)

Para Helena, de início, suas escolhas acabam sendo mais pessoais. Renata procura filmes que proporcionem um olhar mais crítico ao aluno sobre os temas trabalhados em sala. No entanto, afirma, seja por falta de tempo seja por comodidade, de alguma maneira, acaba se apoiando em alguns clássicos sobre o assunto que, na opinião dela, *“não necessariamente são os melhores”*.

De acordo com o professor Luís Afonso, no curso “História e Cinema” que ministra para alunos do terceiro ano do ensino médio, a escolha dos filmes se faz em um diálogo com os professores de origem daqueles alunos. Para ele, os filmes devem dar conta de temáticas que estão sendo trabalhadas em sala de aula. Os critérios de escolha podem variar, no entanto, o perfil da turma sempre é o elemento chave. Luís Afonso lembra que, na medida em que os alunos vão evidenciando um compromisso e um interesse maior com o curso, por vezes, eles também intervêm na definição dos filmes.

Em seu depoimento, a professora Ana Carolina foi enfática ao firmar sua convicção de que mais importante do que a faixa etária, como critério de escolha de um filme a ser usado no espaço escolar, é a adequação ao perfil da turma:

“Tem turma que me permite um filme mais criativo, uma metáfora, criação de paralelos. Tem turmas que são literais: então, o filme tem que ser só sobre aquele tema; curto; um documentário...”

Cita como exemplo dessa situação, o fato de já ter tido turmas de quinta série em que sentiu a possibilidade de passar um filme como “Tróia”, diferente de outras, em que a exigência de uma concretude maior não permitiu o uso desse filme.

Segundo a professora Ana Lúcia, o amplo leque de ofertas de filmes que podem ser usados no ensino de história, muitas vezes, torna-se um elemento de dificuldade, pois coloca ao docente o desafio permanente de ter que fazer escolhas. Já para o professor Jorge Luís, a existência de um número bastante significativo de opções de filmes no ensino de história gera facilidades para o trabalho em sala de aula, na medida em que dá uma razoável garantia de poder encontrar um filme que possa adequar-se ao objetivo pretendido com seu uso.

De acordo com esse docente, em geral, suas escolhas recaem sobre obras que possam contribuir, através do suporte da imagem filmica, para o entendimento de conteúdos que julga apresentarem um maior grau de dificuldade para seus alunos.

Ana Lúcia afirma que, em determinadas circunstâncias, é oferecida também aos alunos a possibilidade de participarem da seleção dos filmes a serem exibidos, dentro de um conjunto organizado previamente por ela. Cita como exemplo, o dilema que viveu à época em que a entrevistei entre passar em uma série “A lista de Shindler” ou o “O pianista”: ao conversar com os alunos sobre as alternativas, descobriu que uma parte deles tinha assistido ao segundo, por ser mais recente, e a grande maioria não tinha visto o primeiro, o que acabou prevalecendo como elemento de definição, aliado à curiosidade e ao entusiasmo demonstrado pelos alunos em assistí-lo.

Essa professora lembra, ainda, que parte das dificuldades para a escolha de um filme surge de problemas que não são relacionados diretamente aos filmes, mas sim a *“limitações que a gente encontra no dia a dia nas escolas”*, como a disponibilidade de tempo de aula para a exibição ou mesmo a ausência de um espaço específico na escola para que ela aconteça. Assim, afirma: *“Alguns filmes*

eu tenho que descartar. Não porque não tenham excelência, mas porque eu não posso passá-los”.

O professor Hilton Meliande afirma escolher os filmes para o trabalho em sala de aula tomando como referência o conteúdo a ser trabalhado, sempre tendo em conta

“explorar o roteiro de análise e fazer uma discussão prévia e a posteriori para tentar amarrar esse conteúdo e dar uma idéia de continuidade entre a própria aula e o filme, as imagens em si”.

O professor Wagner Pinto descarta como opção de uso, em especial, no ensino médio, *“filmes muito hollywoodianos, que são absolutamente anacrônicos, que vão colocando no passado os valores, os sentimentos de nossa época”.* Admite, no entanto, que alguns trechos desse tipo de filme possam ser utilizados no ensino fundamental.

Afirma, que essa sua perspectiva tem a ver com uma preocupação com a forma com que se apresenta o tema. Como exemplo de problema dessa ordem, cita o filme “Carlota Joaquina”. Seu incômodo se dá pelo que caracterizou como uma maneira *“de ridicularizar, de caricatura”*, que entende, de algum modo, pretendia *“consagrar uma forma de a gente se relacionar com a nossa própria história”*. E declara: *“esse é um filme que eu bani completamente. Eu não uso”*.

4.6

Critérios adicionais adotados na seleção dos filmes

Como alguns dos critérios adotados pelos professores entrevistados foram antecipados por esses no tópico anterior, aqui enfatizarei as contribuições que, de algum modo, indicaram novos elementos para o entendimento do processo de seleção dos filmes por parte desses docentes.

Dois critérios apareceram mais de uma vez no depoimento dos entrevistados: o critério de qualidade e a articulação com o conteúdo – esse, brevemente sinalizado pelo professor Hilton Meliande:

“Se ele é um bom filme; como é colocado pela crítica” (Helena Araújo)

“Critério de qualidade que tem a ver com minhas escolhas... pessoais e, digamos assim, acadêmicas” (Ana Carolina)

“*Tem um que é a premissa... tem que estar conectado exatamente com o que a gente está trabalhando*” (Ana Lúcia)

“*Eu penso realmente nisso: a adequação ao conteúdo que a gente trabalha*” (Wagner Pinto)

Para a professora Helena Araújo, no exercício do magistério na educação básica, seu critério inicial é que os filmes escolhidos sejam “*dramas históricos*”. Ou seja, filmes que tenham como referência central um “*cenário histórico*”, como por exemplo: “1492”; “Danton” e “Germinal”. De acordo com Tandler (2001),

“desde o nascimento do cinema, a história é sua fonte. ‘O nascimento de uma nação’, de David Griffith, nos Estados Unidos, e ‘O encouraçado Potemkin’, de Sergei Eisenstein, na União Soviética, são alguns dos filmes em que, através de cowboys, carruagens, reis e rainhas, a história está presente” (p.7).

Para Carrière (2006),

“nossa visão do passado e talvez até nosso sentido de História nos chegam agora, principalmente, através do cinema (...) Imagens cinematográficas se gravam em nós sem que percebamos, como máscaras fixadas sobre os séculos passados” (p.60).

Helena afirma que, em geral, consegue mais alternativas de filmes para trabalhar com o ensino médio do que com o ensino fundamental e que, de acordo com sua avaliação, não é tarefa fácil obter-se filmes “*com uma consistência histórica interessante, de qualidade*” que possam ser usados em sala de aula.

Essa primeira percepção da professora Helena Araújo, mesmo não tendo sido explicitada dessa forma por outros entrevistados, me parece recorrente nas práticas docentes, na medida em que o uso de filmes no ensino de história se dá de maneira predominante no ensino médio. Acredito, como hipótese, que isso aconteça muito em função de boa parte da produção cinematográfica relacionada à história, disponível em vídeo locadoras em nosso país, serem obras originalmente endereçadas a adolescentes e adultos. Portanto, uma produção mais adequada à faixa etária dos jovens que se encontram no ensino médio.

O professor Luís Afonso apontou dois critérios “*bem práticos*”: a disponibilidade de alguns dos filmes com os quais tem a intenção de trabalhar, pois nem sempre os encontra com facilidade, e o estado de conservação da cópia, quando ainda se trata de VHS, dada a deterioração mais rápida da fita em comparação com o CD do DVD.

A professora Renata Augusta lembrou um elemento que já levou em conta ao selecionar um filme: a possibilidade dele ser explorado para além de aspectos estritamente históricos, o que ela define como *“licença poética”*. Foi o caso, por exemplo, do filme *“11 de Setembro”*, no qual 11 cineastas produziram 11 olhares sobre os atos terroristas de 2001 nos EUA.

De acordo com seu relato, ela não só aproveitou o filme para trabalhar o olhar do diretor inglês Ken Loach sobre a deposição do governo Salvador Allende no Chile de 1973, mas ofereceu aos alunos também o curta de outro diretor, Sean Peen, sobre os fatos ocorridos em 11 de setembro de 2001, que chamou de um olhar *“inusitado... poético”*, uma oportunidade para os alunos de *“despertarem para outras coisas”*.

A professora Ana Carolina revelou sua preferência, na seleção dos filmes, por alguns diretores, o que atribuiu a uma inspiração mais cinéfila. E foi categórica:

“Eu jamais passaria um filme que quando assistisse me desse vontade de dormir, morrer ou ir embora. Porque eu fico imaginando que dificilmente esse filme vai atrair a atenção de alguém”.

Para essa professora, ao contrário, alguns diretores têm uma maneira melhor de contar uma história, o que a conquista para querer trabalhar com suas produções.

Ela afirma que reconhece o direito do diretor do filme de *“viajar”*, de criar algo que não existiu: *“a gente pontua que aquilo não existia e ponto”*. No entanto, considera que não são aceitáveis para o trabalho escolar, imprecisões históricas graves em um filme, pois, nesse caso, o processo de ensino-aprendizagem não terá tido nenhum ganho expressivo com seu uso.

Segundo a professora Ana Lúcia, o que norteia suas escolhas é, em primeiro lugar, o que o filme possa oferecer em termos de esclarecimento, sensibilização e fortalecimento de determinadas idéias, que considera preciosas no âmbito do que pretende trabalhar com os alunos. Em segundo lugar, a certeza de que seu uso possa contribuir para que a atividade atinja os objetivos desejados por ela.

Lembra que, em determinadas situações, tem propósitos tão específicos que opta por não passar o filme inteiro e sim uma cena. Dá, como exemplo, o filme *“Amistad”*: *“Eu só passo a cena do tráfico para tratar da escravidão. Não o passo inteiro”*.

O professor Hilton Meliande indicou como critério inicial de seleção, a forma como o filme é construído. Em seus termos, buscar fatos ou símbolos, imagens, que possam facilitar seu trabalho de dar conta de determinados acontecimentos ou conteúdos no ensino de história, o que, a seu ver, apresenta uma primeira dificuldade: encontrar filmes que possam adequar-se melhor a tais objetivos.

Um segundo elemento que leva em conta são as indicações de colegas que costumam também fazer uso do filme no ensino de história.

Fez menção também ao fato de estar sempre tentando ver em cinematecas ou na rede de cinemas o que esteja em cartaz, para fazer suas avaliações sobre a oportunidade futura de uso de um filme e de beneficiar-se das indicações de algumas publicações didáticas que relacionam filmes possíveis de serem trabalhados no ensino de história.

Ao referir-se aos documentários, Hilton declarou tê-los em conta, pois os considera, em geral, produzidos a partir de um *“enfoque histórico muito forte”*, no entanto, em sua experiência de trabalho, percebe uma aceitação menor desse tipo de filme por parte dos alunos que, muitas vezes, os têm como um formato *“chato ou cansativo”*.

O professor Jorge Luís afirma que seus critérios de seleção estão intimamente articulados a seu objetivo mais amplo de trabalho, ou seja, o de oferecer a seus alunos oportunidades de acesso à cultura: *“Se você perguntar na sala de aula quem gosta de cinema, quem gosta de ver sempre, é a minoria. Então, eu acho que a gente tem que ajudar o jovem”*.

Nessa perspectiva, ele trabalha desde filmes estritamente articulados à temática histórica, nas aulas da disciplina história, até filmes como “Matrix”, que possibilite trabalhar outros temas e conteúdos, nesse caso, em um projeto extracurricular. A seleção, portanto, adequa-se aos objetivos de cada uma dessas atividades.

Para o professor Wagner Pinto, um critério é o de que o filme selecionado traga um outro tratamento daquilo que está trabalhando,

“uma outra forma de apresentar, que seja diferente, que seja oposta, àquilo que a gente está fazendo, porque serve também, obviamente, para discutir a própria construção da história”.

4.7 Definição dos objetivos do uso do filme

De um modo geral, os docentes entrevistados revelaram definir seus objetivos para o uso do filme de uma forma que estou nomeando como “muito prática”: ou por meio da elaboração de um roteiro escrito de observação entregue previamente ou através de orientações, solicitações e (ou) questões que servem para nortear o contato dos alunos com a produção a ser assistida.

Pude perceber na fala desses professores a preocupação de que o uso do filme seja sempre antecedido de uma reflexão acerca dos objetivos da atividade.

Em seu depoimento, a professora Helena Araújo afirmou que gosta de usar o filme como uma incentivação a um tema a ser dado, portanto, como “*um disparador de conhecimento*” para a construção de novos conhecimentos e, nesse momento inicial do trabalho, ela fala muito pouco sobre o tema para o qual o filme foi selecionado.

De acordo com essa docente, em sua perspectiva de uso “*o filme faz parte do desenvolvimento de uma determinada unidade até o final*”.

O professor Luís Afonso afirma que, em geral, antes da projeção do filme apresenta algumas informações que acredita serem relevantes e em seguida propõe algumas questões: “*Ou seja, eu peço que eles busquem assistir ao filme focando, especialmente, essa ou aquela temática, essa ou aquela questão*”.

A professora Renata Augusta declara que antes de passar o filme esclarece aos alunos como o filme se encaixa no conteúdo que está sendo trabalhado: “*Quer dizer, o objetivo de passar o filme seria a gente apontar tais e tais aspectos... Faço isso de uma forma oral*”.

A professora Ana Carolina, assim como os demais entrevistados, afirma que logo que tem selecionado o filme que irá trabalhar com os alunos, define os objetivos de seu uso: “*o que vou querer tirar do filme*”. Sobre isso também fala a professora Ana Lúcia, que foi enfática ao afirmar que sempre define os objetivos da atividade previamente, pois, segundo ela:

“se eu chego com um filme e acabou... isso nunca vai cumprir a função do cinema, do filme, na sala de aula. Então, eu tenho que sempre considerar: o que eu preciso com esse filme nesse momento? De repente, vou passar o mesmo filme em duas séries diferentes e os objetivos vão ser distintos (...) sempre o aluno que assiste tem um roteiro...”

O professor Hilton, também diz que gosta de elaborar um roteiro de observação para, de algum modo, orientar o olhar e também combater a idéia de assistir-se ao filme pelo filme. Assim, pretende fortalecer a necessidade de que os alunos façam uma observação e análise atenta da obra exibida.

Segundo o professor Jorge Luís, sempre é lembrado aos alunos que o objetivo de exibir um filme é oferecer-lhes uma fonte a mais de conhecimento sobre a matéria trabalhada, em particular, a oportunidade de acesso à imagem fílmica.

Em geral, prefere fazer isso ao final do tema estudado, ainda que, por vezes, inverta, como incentivo a que os alunos possam levantar hipóteses de futuras articulações com o conhecimento que, de maneira mais detalhada, em seguida será trabalhado pelo professor.

Como a maioria dos outros docentes entrevistados, ele elabora um roteiro com orientações do que deseja que os alunos atentem durante a exibição do filme para posteriores trocas.

O professor Wagner Pinto, afirma que em especial quando trabalha com a oitava série, primeiro ano do ensino médio, em ocasiões que fará uso do filme inteiro, em geral, antes da exibição, ele entrega um roteiro para que eles assistam ao filme “*prestando atenção a determinados aspectos*”.

Portanto, declara, “*realmente eu tenho, na hora de utilizar, objetivos previamente definidos; às vezes, já previamente anunciados aos alunos*”. No entanto, de acordo com Wagner, ele se reserva a não antecipar aos alunos antes, no caso de séries mais avançadas e em situações que o interessa que os alunos sejam desafiados a que apresentem o que consideraram importante no filme. E justifica: “*Tudo mastigadinho, eu acho que é ruim*”.

4.8

O uso dos filmes nas aulas de história

De acordo com a professora Helena Araújo, como relatei no tópico anterior, ela gosta de utilizar o filme abrindo uma unidade. Por exemplo, se vai iniciar uma sobre “expansão marítima e comercial” exhibe “1492”.

Helena afirma, que gosta de passar o filme inteiro, sem cortes, pois

“é um crime cortar ‘Tempos Modernos’ do Chaplin, por exemplo, (...) Não tem uma aula de história que o substitua”. E lembra: “é bom que eles possam ver, até porque a gente sabe que muitos deles não terão a oportunidade em casa ou em outros lugares de assistir a esse filme, com o qual eles vão aprender muitas coisas: ou um outro olhar, uma outra mensagem”.

Segundo essa professora, já na sala de vídeo, ela contextualiza o cineasta, o ano de lançamento do filme, o país em que foi produzido, dá uma idéia geral da sinopse e começa o filme.

Durante a exibição, considera importante ajudar os alunos a desenvolver um olhar crítico e, mesmo evitando parar o filme, em alguns momentos, faz algumas observações, em outros, *“quando acho muito importante, em casos excepcionais, dou uma paradinha no vídeo ou no DVD e faço algum comentário, tiro alguma dúvida”.*

De acordo com Helena, ao final de dois ou três tempos de exibição, ela promove um debate tendo como referência um roteiro que servirá também como um trabalho a ser produzido pelos alunos em dupla ou trio, lembrado com ênfase: *“Vale nota, sim! Faz parte da construção do conhecimento”.* Sobre os dois ou três tempos de exibição, afirma:

“Como costumamos ver o filme inteiro, eu brinco com os alunos que meus filmes são como novela: começam em um dia e acabam em outro. Dependendo do tempo de aula, chegamos a três dias”.

Acerca da discussão do filme, Helena afirma não tomar muito tempo, pois em geral as questões vão surgindo ao longo da projeção: *“é muito rico o que surgem de perguntas. Acho que eles não esquecem mais”.*

Visto e discutido, segundo o depoimento dessa professora, parte-se para o trabalho com um texto teórico que *“serve para amarrar o conhecimento, fazendo sempre alusão ao filme”.*

De acordo com um outro professor, Luís Afonso, ao iniciar a projeção ele faz uma breve apresentação do filme e indica algumas questões. Ao longo da exibição, reconhece sempre conviver com um dilema: interromper ou não o filme? A seu ver, sua tendência é de sempre interromper mais do que se questiona, no entanto, entende que o questionamento é importante: *“até que ponto essa interrupção agride a integralidade da obra?”.*

Informa, que nesse aspecto o combinado com os alunos é o seguinte:

“o filme pode ser interrompido, a pedido deles, quando houver quaisquer dúvidas acerca do que foi falado; quando há alguma dúvida em relação à tradução, pois, muitas vezes, muitos desses alunos são versados em línguas e as traduções não são fidedignas; eu também interrompo nesses casos; interrompo, quando acho que é muito importante algum dado, alguma informação, em torno da atitude tomada por um personagem ou da importância histórica dele ou de alguma palavra, sobretudo, de algum conceito que possa ser ou não do domínio deles, está certo? E, por vezes, eu interrompo para propor algumas questões que podem estar relacionadas, na verdade, esmiúçam aquelas questões anteriores (...) Ou seja, parar em determinada cena, pedir que aquela questão seja percebida com mais atenção em relação a um aspecto, digamos, mais específico. Geralmente, é isso”.

Encerrada a projeção, de acordo com Luís Afonso, inicia-se uma discussão sobre o filme. Ainda que, ressalve, muitas vezes, os alunos interrompam para discutir durante a exibição. Nesse caso, ele não concede essa possibilidade, pois ao longo da projeção a maior preocupação é inibir o que considera sua própria tendência de cortar em demasia o filme para realizar trocas. E retoma a questão inicial: *“Eu me preocupo muito em saber o quanto essas interrupções podem fracionar e dificultar que eles possam perceber a obra como um todo”.*

Sobre possíveis diferenças entre o uso do filme no curso “História e Cinema”, voltado para alunos do terceiro ano do ensino médio, e o que se dá em suas turmas de quinta série, para além da óbvia diferença de faixa etária, afirma o professor Luís Afonso, que o *“jovem mais velho”* já está um pouco mais à vontade em reconhecer o filme enquanto um documento passível de leitura e de crítica. Como exemplo, cita o caso da exibição do filme “Lutero”, quando esses alunos tomaram a iniciativa de formular uma crítica à obra: *“Eles gostaram muito do filme, mas expressaram reservas em relação a um viés, talvez, demasiadamente presentista, ao gosto do século XXI, com o qual o diretor apresentou a figura do Lutero”.*

Em relação aos alunos da quinta série, sua percepção é de que há um interesse muito grande na atividade, mas, de início, o que considera natural, a tendência é de assistirem ao filme como o fazem em casa. Luís Afonso relatou-me que nesse caso sua reação tem sido: *“Ah, não! Vamos pegar um caderno para fazer apontamentos! Vamos ter um roteiro, ao qual todos vão ter o cuidado de prestar atenção para depois discutir”.*

A professora Renata Augusta afirma que, ao longo da exibição de um filme, há momentos em que ela interfere, em especial, em determinadas situações

“em que tenho uma sensibilidade de que o aluno pode perder alguma informação ou algum dado a mais que é importante ele saber sobre o próprio contexto, sobre alguns códigos de relações interpessoais da época (...) Isso, mais nas séries iniciais do segundo segmento”.

Por outro lado, de acordo com Renata, há ocasiões em que tem que abrir mão de algumas cenas, já que entre outras coisas, enfrenta as limitações dos tempos de aula e de uso da sala de exibição de filmes. Nesses casos, declara: *“Eu faço uma coisa horrível para quem gosta de cinema, porque (...) eu narro um pouco certas coisas”.*

Além disso, a professora lembra que, durante o filme, costuma apontar aos alunos aspectos que considera importante que eles percebam, pois *“a gente não está ali, só tendo o prazer de ver o filme (...) Eu não me furto disso... eu acho que faz parte”.*

O mesmo procedimento é adotado pela professora Ana Carolina que informa, também, que, dependendo do tema, solicita aos alunos que anotem o que julgarem mais importante e, como fechamento, realiza alguma das seguintes atividades: debate; trabalho; “um pequeno teste”; ou uma arguição. Ou seja:

“alguma cobrança em relação ao filme, se não... a tendência dos alunos é não prestar atenção ou achar que o filme ali é um momento de tempo vago. Então, você tem que ter algum trabalho, não só para que os alunos levem a sério, mas também para que o filme fique e se consolide como um conhecimento deles. E para que eles entendam que o filme não é tempo vago. Ele é uma forma de se estudar história”.

De acordo com Ana Carolina, esclarecer que o filme para ela é um instrumento de trabalho é uma preocupação que ela tem não só com os alunos, mas com todos os sujeitos que compõem o universo escolar, inclusive, coordenadores e diretores. Dessa forma, pretende deixar explícito que, em sua prática, ele comparece como um recurso didático, e não para preencher uma lacuna entre duas aulas.

Em seu depoimento, relatou um episódio que ocorrera em uma turma de quinta série, poucos dias antes da entrevista, para mostrar como muitas vezes demandas surgidas de discussões com os alunos a estimulam a alterar sua opção inicial de filme a ser trabalhado.

Durante uma aula que tratava de Grécia Antiga, surgiram as seguintes questões, de acordo com Ana Carolina: *“Professora, as mulheres iam para a guerra? E os gays, iam para a guerra?”*. A professora entendeu que, de alguma modo, já tendo aparecido duas outras vezes, o que estava interessando aos alunos era compreender a própria sexualidade deles. Diante disso, estava inclinada a abandonar a idéia de exibir um documentário, como havia pensado inicialmente, por julgar que o filme “Tróia” lhe permitiria trabalhar melhor as questões que a turma vinha solicitando e justificou sua preocupação:

“Uma das funções da história e uma das minhas como educadora é mostrar que outras culturas levam a outros valores, esses por sua vez levam a uma outra moral e que a nossa moral não é certa nem inata”.

Sua expectativa é, desse modo, estimular seus alunos *“a pensar em seus próprios valores, em sua própria moral e em seus próprios comportamentos sociais”*.

Na linha de preocupações e escolhas da professora Ana Carolina, Duarte (2002) afirma que

“o cinema é um instrumento precioso (...) para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas” (p.90).

Assim como outros entrevistados, a professora Ana Lúcia afirma que ao iniciar o uso de um filme volta a lembrar aos alunos o tema que vem sendo trabalhado e, em seguida, localiza o contexto de produção da obra, sempre alertando o fato de que ela reflete uma visão, entre outras, sobre a história. Em seus termos: *“o filme não é história, é uma escolha, uma seleção de partes dessa história. São determinados focos, determinados filtros. Isso tudo eu falo para eles”*.

Segundo esta professora, ao trabalhar um filme o roteiro pode aparecer de duas formas: ou ele é produzido e entregue por ela, algumas vezes, previamente, de modo a orientar a observação dos alunos, ou então, ele é produzido por esses a partir de suas próprias observações e anotações solicitadas pela professora. Assim, Ana Lúcia justifica essa última opção: *“se não, alguns alunos acham... que o filme é o intervalo da aula. Quando não é: é parte integrante e fundamental dela”*. Uma percepção próxima a que foi explicitada pela professora Ana Carolina, ao afirmar a idéia de que assistir a um filme na escola não pode ser entendido como um momento de tempo vago.

Ana Lúcia me deu alguns exemplos de como ocorre o uso do filme em suas aulas. No primeiro caso, referiu-se a “Hans Staden”. De acordo com seu relato, após trabalhar o tema da escravidão nas Américas inglesa, espanhola e portuguesa, ela exibe o filme e em determinada cena, em que retira o som, combina sua exploração com a audição de parte do poema “Navio negreiro” de Castro Alves, musicado por Caetano Veloso.

Na avaliação da professora, ao entrar em contato com a imagem do filme imediatamente o poema é decodificado, “*quase como se fosse uma luz mesmo (...) como se eles conhecessem as entranhas do que aconteceu*”.

Ainda sobre o uso e a exploração do filme junto aos alunos, essa professora afirma que, por exemplo, ao assistirem a “Mississipe em Chamas” e “Assassinato em Mississipi” propôs aos alunos escolherem um personagem e narrarem o filme a partir dos personagens escolhidos. Para Ana Lúcia, isso permitiu desenvolver algumas questões: “*Por que o personagem escolhido praticou determinada ação? Por que certa cena aparece daquela forma e não de outra? O que justifica a escolha do diretor?*”. Dessa maneira, entende, os alunos compreendem melhor as ações dos personagens e seus significados no filme e no entendimento do tema em estudo.

De acordo com o professor Hilton Meliande, ao realizar uma atividade com filme sempre se preocupa com dois aspectos preliminares: a preparação do ambiente no qual será exibido o filme e, por outro, da turma que assistirá.

Em relação ao primeiro, considera importante que se tenha uma sala apropriada para esse tipo de trabalho; em seus termos, “*uma sala direcionada para o filme*” na qual, por exemplo, sendo possível, se reduza a quantidade de luz. No segundo caso, compreende relevante estabelecer-se uma troca prévia com os alunos que possa comprometê-los com a atividade e, em especial, com a perspectiva de um trabalho que sem o abandono do lúdico, tem seu foco na busca de uma observação atenta e na análise crítica da obra, articulando-a aos temas históricos que estão sendo estudados.

Segundo o professor Jorge Luís, ele procura trabalhar com filmes em aulas de dois tempos, no entanto, como em geral os filmes de ficção exigem três tempos e, muitas vezes, ele prefere passa-los de uma vez só, é comum “*negociar*” com um colega da próxima aula essa oportunidade, em especial, quando a atividade se dá em uma instituição que já trabalha há algum tempo.

Para esse professor é muito difícil no espaço escolar, ele ter a possibilidade de exibir filmes sobre a Antiguidade (Grécia, Roma, etc) devido à longa duração que em geral têm essas produções, algumas alcançando três ou quatro horas. Ele lamenta, pois muitos desses filmes poderiam ser trabalhados em uma quinta série.

O professor Jorge Luís afirma que gosta de exibir filmes na íntegra, sem cortes ou seleção:

“eu não vejo o por que de evitar uma cena se hoje em dia a televisão mostra tudo, os desenhos são ultraviolentos... Então, isso eu compro briga mesmo. Até porque (...) aquilo é uma arte, uma expressão, nada é gratuito”.

Como exemplo de uma situação que para alguns pode parecer problemática, cita o uso na quinta série do filme “Guerra do fogo” e, em particular, as cenas que se referem à vivência sexual. Jorge dá suas razões para a defesa da exibição integral:

“Porque elas são importantes para a compreensão do próprio filme, já que ocorrem duas vezes e mostra a diferença na forma. A primeira é um ato um tanto animalesco e a segunda uma mudança de comportamento. E isso vai ser discutido, entendeu? Eu não vejo problema nenhum”.

O professor Jorge Luís entende que selecionar cenas compromete a integridade da obra como bem cultural, o que a seu ver, deve ser garantido aos alunos conhecer a obra o mais fielmente possível.

De acordo com o professor Wagner Pinto, enquanto para os alunos até a primeira série do ensino médio ele costuma elaborar um roteiro de observação, nas séries seguintes é mais comum antes do filme ele falar a respeito e chamar a atenção para certos momentos, diálogos, etc. Cita, como exemplo, a exibição do filme “Mauá, o Imperador e o Rei” e uma das recomendações feitas aos alunos:

“Vocês vão notar que em determinado momento há uma conversa entre o Visconde de Feitosa e Mauá, em que é possível perceber claramente o que é a mentalidade da aristocracia e nela o lugar da terra, do escravo, etc. Então, prestem atenção nisso!”.

Em linhas gerais, afirma Wagner que o uso que faz do filme varia bastante, em especial, se ele vai passar o filme inteiro ou não. Lembra que como trabalha História do Brasil no terceiro ano do ensino médio, usa regularmente documentários como os do cineasta Sílvio Tandler, “Os anos JK” e “Jango”.

Segundo este professor, nessa série e, especificamente, em uma das escolas em que trabalha, em geral, a exibição dos filmes se dá em um telão, no

auditório da instituição. As três turmas do terceiro ano assistem juntas e, algumas vezes, o professor de geografia também participa, em ocasiões em que as duas disciplinas estão trabalhando um tema semelhante.

De acordo com Wagner, nesse caso, os dois professores fazem uma apresentação da obra e durante a exibição, com o apoio de um microfone, intervêm sem interromper o filme.

Em outras séries, segundo Wagner, às vezes a exibição ocorre na própria sala de aula. Nesse caso, afirma, é muito comum interromper o filme para chamar a atenção para alguma situação, discutir uma cena, etc.

Isso só não ocorre com a mesma frequência, nas séries em que produz e entrega previamente um roteiro que, de algum modo, já antecipa muitas das situações que exigiriam uma intervenção sem ele. Nesse caso, afirma, tudo o que fala é: *“Olha só, é esse pedaço; é nessa conversa”*.

O professor afirma que, em geral, quando a exibição ocorre em sala de aula, ele não usa o filme inteiro, prefere usar trechos e deixa a apresentação completa do filme para o auditório, *“porque aí é com tela grande (...) assistir com legenda na televisão é bem complicado”*.

Recorrências

Faço, agora, um levantamento do que considero tenha sido marcante na descrição de uso do filme feita pelos professores entrevistados, sem com isso ter em conta qualquer tipo de hierarquia entre os elementos elencados.

Uma questão que esteve presente nesses depoimentos foi o do momento em que o uso do filme aparece como atividade: se no início, durante ou ao final de um tema. Como a maior parte das atividades docentes, essa definição, de acordo com os relatos desses professores, em geral, depende do tema que está sendo trabalhado com os alunos e dos objetivos que os docentes pretendem alcançar com a exibição de determinado filme. Portanto, o que pude perceber foi uma variação de momento de uso não só entre os entrevistados, mas muitas vezes podendo ocorrer na prática de um mesmo professor.

Dentre aqueles que explicitamente referiram-se a essa questão foi mais presente indicarem o durante e ao final do trabalho com um tema, como o momento em que preferem fazer uso do filme. Por outro, foi mais rara a menção a

abrir um tema com esse tipo de atividade, ainda que quando tenha ocorrido tenha se dado de uma forma fundamentada, sustentada na idéia de que ao abrir um tema ou uma unidade o filme pode assumir o papel de detonador de um processo de conhecimento em construção.

A meu ver essa diversidade de caminhos expressa escolhas legítimas, sobretudo por estarem apoiadas em uma reflexão e uma fundamentação consistente que têm como ponto de partida os objetivos de trabalho de cada docente e aquilo que sua prática de sala aula vai indicando como o melhor caminho, tendo em conta suas escolhas pessoais, os temas de trabalho e as características de seus alunos e turmas.

Uma outra questão presente nos depoimentos dos professores que entrevistei foi relativa a exibir-se um filme na íntegra ou parcialmente. Três docentes mostraram-se defensores de que o filme trabalhado possa ser exibido, o mais que seja possível, em sua inteireza. Um dos argumentos é de que não fazê-lo, pode implicar em comprometer que o aluno possa conhecer a obra em sua forma original, na medida em que, de algum modo, o professor estaria antecipando uma escolha pelo aluno, de outro, se estaria de certa forma mutilando a obra enquanto bem cultural ou expressão artística.

Dois professores expressaram sua opção, em determinadas situações, por trabalhar com cenas ou trechos dos filmes selecionados por desejarem, nesses casos, discutir um aspecto muito localizado da obra e não ela em seu todo.

Nas entrevistas também foi mencionada a necessidade, por vezes, da “compactação” de trechos de filmes por razões estritamente relacionadas às dificuldades enfrentadas pelos professores para exibirem nos limites dos tempos escolares.

Em nenhum dos depoimentos houve qualquer relato de que o professor pudesse tomar a iniciativa ou aceitasse algum tipo de corte de cena ou trecho do filme por outras razões que não as de ordem pedagógica, já expostas. No entanto, isso não significa a ausência de tensões, especialmente nas relações de professores com familiares, coordenações e direções de escolas. Nos depoimentos, essas tensões apareceram associadas a instituições privadas de ensino e, em um único caso, a uma de natureza confessional. Pelos relatos, em geral, isso ocorre em ocasiões em que nos filmes escolhidos apresentam-se cenas que fazem referência à sexualidade humana e a situações de violência. Segundo os professores

entrevistados, esses episódios de modo geral são resolvidos com base na lembrança, àqueles que expõem suas reservas, do contexto em que essas cenas ocorrem nos filmes exibidos.

No entanto, tive ao longo das entrevistas, um relato do que em meu entendimento é algo muito mais grave. Tratou-se de um episódio em que o diretor de uma socialmente prestigiada instituição escolar privada, da zona sul do Rio de Janeiro, sugeriu à equipe de história que não fosse passado determinado filme, por esse apresentar um olhar sobre a História do Brasil que conflitava com sua leitura da época. De acordo com esse relato, apesar da recomendação e do constrangimento gerado aos docentes, o filme foi exibido pela equipe.

Um tema também abordado pelos professores entrevistados refere-se à questão de interromper ou não a exibição para discutir aspectos do filme com os alunos. Pelos relatos que tive, apesar de ser unânime a percepção desses professores quanto ao imperativo de interromper, fiquei com a forte impressão de que esse seja um dos maiores dilemas que viva o docente ao fazer uso do filme em sala de aula.

O centro da questão é exatamente o quanto interromper. Em boa medida a dificuldade deve-se ao fato, compreensível, de que alguns desses professores ao mesmo tempo em que precisam interromper a exibição para apoiar o contato dos alunos com o filme em questão, por outro, temem que, excedendo, penalizem a “*integralidade*” da obra ou orientem em demasia o olhar dos discentes.

Parece-me que seja difícil um caminho preciso para essa questão, a não ser o do bom senso e da sensibilidade do docente que lhes indique o quanto cabe de interrupção ou não em cada caso, tendo-se em conta que também aqui entram variáveis como os objetivos da atividade, estilo do professor e os já famosos perfis das turmas.

Ainda sobre esse tema, gostaria de lembrar que nos depoimentos alguns dos professores fizeram referência ao fato de, muitas vezes, as interrupções poderem ser combinadas com intervenções dos docentes sem implicar em algum tipo de pausa da exibição.

Um procedimento de consenso entre os docentes entrevistados como importante ao iniciar-se o uso de um filme no espaço escolar é a apresentação da obra não só quanto aos dados de produção, mas também em relação ao contexto histórico com o qual dialoga.

Outra unanimidade nesses depoimentos foi a importância que os professores dão a que a atividade com a imagem fílmica seja ladeada por um roteiro de observação ou a indicação de elementos do filme para os quais os alunos devem atentar, ou ainda, questões que inspirem as trocas durante e após a atividade. Em alguns relatos, a forma escrita de um roteiro aparece como maior preocupação desses professores, quando a atividade se dá com as crianças e adolescentes do ensino fundamental.

Alguns desses docentes fazem do roteiro de observação do filme uma referência para um posterior trabalho com os alunos. Em alguns casos, o próprio roteiro já aponta questões a serem desenvolvidas pelos discentes.

A realização de uma discussão sobre o filme após a exibição também esteve presente de forma unânime no depoimento dos professores. A ressalva se dá apenas quanto ao fato de que, alguns desses docentes, chamaram a atenção de que é comum que esse debate, de uma certa forma, já se inicie ainda durante o desenrolar do filme, em geral, em função de solicitações dos próprios alunos.

Um elemento muito presente na fala de alguns entrevistados dá conta de sua preocupação com que o uso do filme no espaço escolar seja entendido e aceito como “*parte integrante da aula*” e não como “*intervalo*” ou “*tempo vago*”. Essa atenção estende-se não só em relação aos alunos, mas também aos demais membros da comunidade escolar.

Penso que possa caber a seguinte questão: a que se deve a persistência de um imaginário em sentido contrário à perspectiva desses professores? Levanto algumas hipóteses: a permanência em algumas instituições escolares de um excessivo domínio da cultura letrada e verbal, em contraponto a admissão da partilha de outras formas de linguagem, nesse caso, incluída a imagem e a imagem fílmica; a forte vinculação construída no plano da cultura hegemônica e da indústria cinematográfica do artefato filme como meio de entretenimento; o uso inadequado, pois com pouca ou nenhuma consistência pedagógica, feito por parte de alguns professores, o que tem contribuído nessas situações para fortalecer, em especial, nos alunos, a percepção de realização de uma atividade muito mais para cobrir uma lacuna do que articulada ao programa de trabalho docente.

Reconheço que esse último problema, em alguns casos, pode-se dever a um desconhecimento por parte de alguns docentes de como explorar de forma

proveitosa o filme em sala de aula, na medida em que ainda são localizados os registros dessa preocupação nos cursos de formação de professores, embora, no caso específico do ensino de história, devam ser mencionados os esforços empreendidos naquele sentido pelas professoras Helena Maria Araújo e Ana Maria Monteiro no exercício docente junto à cadeira de Prática de Ensino de História, respectivamente, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O conjunto dos depoimentos me permite afirmar que, invariavelmente, o uso do filme no exercício docente desses professores entrevistados sempre é combinado com outros procedimentos e recursos didáticos, tais como, exposição do tema pelo professor; trabalho com textos teóricos; exame de documentos de época; exploração de textos literários; audição de música e discussão da letra; etc. Ou seja, o filme se faz presente na composição de um trabalho que busca, em geral, ancorar-se em mais de uma fonte, sendo o filme, portanto, uma delas.

Uma inquietação bastante presente entre os professores entrevistados ao referir-se à atividade com filmes no espaço escolar é a pertinente aos limitados tempos escolares para dar conta desse tipo de trabalho. Os poucos casos em que não percebi uma queixa maior foi em situações em que o uso se dá fora do horário regular das aulas, em geral, em projetos extraclasse, como os coordenados pelos professores Luís Afonso e Jorge Luís, realizados em instituições em que cada um desses docentes trabalha.

4.9 Avaliação do uso do filme junto aos alunos

Dos professores entrevistados para esse trabalho, três apontaram o debate realizado após a exibição como a forma privilegiada de avaliar o uso do filme junto aos alunos:

“Para mim, o mais importante (...) é o debate que vem logo depois. Mais importante!” (Ana Carolina)

“O que acho primordial é a discussão do filme” (Hilton Meliande)

“O debate é o que me satisfaz (...) Para mim é o fundamental” (Jorge Luís)

Os demais professores, ainda que tenham a discussão sobre o filme como um momento dessa atividade, apontaram uma série de modalidades escritas também como uma forma que encontram para ter um retorno do aluno sobre a atividade com filmes. Algumas das citadas foram: a formulação de questões de provas articuladas aos filmes exibidos; a realização de exercícios; em alguns casos, exercícios que derivam do próprio roteiro de observação e (ou) discussão; trabalhos; etc.

De acordo com a professora Helena Araújo, realizado o debate sobre o filme os alunos passam a produzir em dupla ou trio um roteiro de trabalho, que serve como um dos instrumentos de avaliação da turma.

Segundo o professor Luís Afonso, tratando-se de uma prática que ocorre em uma série curricular, o filme *“não é visto como um corpo fora do curso ou como apenas um algo a mais, não!”*. Dessa forma, como os demais documentos que são trabalhados, afirma, ele tanto vai ser referência para as aulas futuras como poderá aparecer em um exercício ou outra forma de avaliação *“como elemento constitutivo”*.

Esse professor frisa que, ao assistirem a filmes, as informações apresentadas e discutidas em torno delas são, no geral, bastante incorporadas pelos alunos. Segundo Luís Afonso, *“até mesmo pelo apelo do filme, do cinema”*.

Para a professora Renata Augusta, o *“papo de corredor”* no trânsito da sala de exibição para a sala de aula da turma é um momento em que, de algum modo, através dos comentários dos alunos ela começa a ter um retorno sobre a atividade com o filme: *“Nesse momento você consegue pegar umas falas que vão tentando montar até a própria relação do professor com o trabalho com o filme”*.

No entanto, em um plano mais formal, Renata afirma que, em algumas situações, ela trabalha aspectos que aparecem no filme em provas ou outras formas de avaliação.

De acordo com a professora Ana Carolina, realizada a discussão sobre o filme, ela procura consolidá-la através de algum procedimento que implique no uso da linguagem escrita. Entre eles, cita: um trabalho; teste; questionário para casa; ou até mesmo algum tipo de redação que tenha em conta a obra assistida.

Sobre o debate, afirma que ele começa no “*gostaram ou não gostaram?*” e chega a “*conseguiram perceber aquilo? Conseguiram visualizar aquela outra situação que estávamos falando? Como é que vocês viram...*”. Em um determinado momento, segundo Ana Carolina: “*eu joga um pouco de fogo e deixo pegar fogo, porque em geral os alunos são palhas secas. Ao final de um filme, eles são palhas secas sempre!*”.

Tendo em conta sua experiência em trabalhar filmes, afirma que, se ao final da exibição, aos alunos serem perguntados se gostaram, vier como resposta a indiferença ou o silêncio, o melhor que o professor tem a fazer é parar, escolher outro filme ou pensar em outra forma de trabalho, porque, de acordo com essa professora, não funcionou, não surtiu o menor efeito. Em seus termos: “*é um filme pastel, só tem vento dentro. Não serviu para nada*”.

Ou seja, ainda de acordo com Ana Carolina, em outras palavras, o melhor é reavaliar o uso daquele filme. Lembra que, como professora, esse tipo de problema ainda não aconteceu. Credita essa situação, ao fato de sempre estar atenta ao perfil da turma e com ele aos interesses dos alunos. E cita como ela opera essa questão:

“Turmas muito bélicas, filme de guerra; turmas muito filosóficas... E às vezes eu brinco com o oposto. Turmas muito bélicas, um filme filosófico...”.

Ao conceder-me seu depoimento, a professora Ana Lúcia, me deu um exemplo de como à época vivia a situa de avaliar o uso do filme “1492”. De acordo com essa professora, naquele momento, sua opção tinha sido a de formular questões relativas ao filme que comporiam uma avaliação mais ampla do tema trabalhado.

Portanto, segundo Ana Lúcia,

“os alunos têm uma cobrança também disso. Não fica só uma coisa ‘Olha, vimos e acabou’, não! Eles serão checados em relação a isso. Afinal de contas, todos os instrumentos utilizados visam um determinado aprendizado (...) Então, a gente objetiva: eles sabem que vão assistir a um filme; que eles serão cobrados no que diz respeito a uma atividade com texto para casa; de um roteiro em sala de aula; e depois, em uma avaliação, eles terão questões sendo cobradas (...) Isso não é surpresa. Eles já assistem sabendo exatamente o que vão fazer”

De acordo com o professor Hilton Meliande, na discussão do filme sua intenção é que ela favoreça a que os alunos possam ir além do desenhado pelo roteiro de observação. Por outro, entende, sempre é uma oportunidade que tem como docente de perceber que tipo de leitura os alunos puderam fazer e que olhar histórico pode ter resultado do contato com a obra.

Além do debate, segundo Hilton, ele costuma solicitar algum trabalho ou formular algumas questões para a prova, que relacione o conteúdo que vem sendo trabalhado ao filme. No entanto, ressalta apreciar mais a troca sobre o filme, sem o peso de nota.

O professor Jorge Luís, defensor do valor do debate como um momento chave da relação dos alunos com o filme e de oportunidade para ele ter um retorno da atividade, me relatou sempre lembrá-los que a principal contribuição que esse artefato pode oferecer é o de *“abrir a mente para um outro tipo de estudo, aquele que se dá através da imagem”*, permitindo dessa forma, a seu ver, *“uma outra visão da história”*.

A preocupação de Jorge Luís me remete às reflexões de Sorlin (1994), ao examinar as relações entre imagem e história. De acordo com o autor, o primeiro ponto a lembrar é o quanto a imagem pode ser enganosa, não digna de crédito e até mesmo mentirosa, apesar disso, afirma, é preciso reconhecer que ela hoje é fonte da história, não só no sentido de ser fonte para o historiador, mas fonte da própria história. Portanto, a seu ver, a história que vivemos é condicionada pela imagem.

O segundo ponto de suas observações dá conta de que essa mesma imagem carregada de problemas é indispensável, pois

“não é mais possível, hoje em dia, fazer, escrever, tentar pôr em cena a história sem passar pela imagem (...) admitamos de uma vez por todas esse fato e tentemos, juntos, realizar um trabalho sobre a imagem” (p.91).

A meu ver, as reflexões de Sorlin podem ser trazidas para o campo da educação e do ensino de história, pois se a imagem tem uma incidência sobre a história, não há como não tê-la como instrumento de trabalho e objeto de reflexão no espaço escolar, dentro de condições que são específicas aos objetivos e sujeitos que nessas instituições estudam e trabalham. Nesse sentido, entendo o esforço do professor Jorge Luís, assim como de outros entrevistados, de estar atento a esse tema em suas aulas.

Isso não significa, afirma Jorge, que despreze o apoio que a imagem em movimento possa dar no sentido de ajudar os educandos a compreender um conteúdo específico do ensino de história e até mesmo a responder, de algum modo, a demandas mais imediatas dos alunos, como a preparação para os exames de acesso ao ensino superior. O que faz questão de firmar é que o uso a que se propõe do filme em sala de aula, não se restringe a uma perspectiva puramente instrumental:

“Eu explico a eles o seguinte: ‘gente, também não é que, especificamente, você vai ter uma pergunta que vai estar relacionada principalmente ao filme trabalhado – claro que não! – e que você vai saber responder’.”

De acordo com o professor Jorge Luís, a discussão sobre a obra exibida o satisfaz como forma de avaliar o uso do filme junto aos alunos. Assim, afirma: *“Eu não peço, por exemplo: ‘Ah, agora faça um relatório sobre...’. Eu não vejo essa necessidade”.*

Segundo o professor Wagner Pinto, algumas vezes, tomando como referência o roteiro de observação recebido pelos alunos, ele formula questões que esses fazem como exercício em torno do filme. Em geral, afirma, é mais comum que esse tipo de formalização se dê com “os pequenos”:

“até mostrando a eles que aquele roteiro que eu fiz, o qual tive que assistir ao filme previamente (...) é o tipo de acompanhamento que eles podem fazer... por conta própria (...) E eles se acham especiais quando conseguem... Vão assistir a alguma coisa e voltam depois dizendo: ‘Ah, mas aquele filme eu percebi quando...’. E eu: ‘Ah, que ótimo! Você está usando, então...’.”

Com os “maiores”, lembra, isso acontece de uma maneira mais informal. Quando é possível realiza alguma troca ainda na própria aula em que ocorreu a exibição, no entanto, em geral, é mesmo na seguinte que retoma imagens de quando inicialmente fez uma breve apresentação do filme.

Recorda Wagner, que naquele momento solicita aos alunos que anotem durante a exibição - para isso deixa alguma luz acesa - aquilo que consideram importante e que gostariam de discutir após o filme. Portanto, afirma, a aula seguinte é uma retomada disso: *“Já aproveito para a continuação do conteúdo, utilizando o que eles destacaram e eu mesmo vou fazendo isso”*.

O professor Wagner Pinto faz questão de frisar que o filme apresenta-se em seu exercício docente não como um preenchimento de lacuna:

“Nunca é algo como: ‘Ah, está acabando o ano, eu não tenho mais matéria, vou passar um filmezinho’. Não! Não é o meu barato”.

4.10

Dificuldades enfrentadas para fazer o uso do filme na escola

Dos oito professores entrevistados para essa pesquisa, três afirmaram não enfrentar dificuldades, mesmo assim, destes, dois indicaram algum nível de problema vivido no cotidiano. Entre os demais, três consideraram a questão do tempo como a maior dificuldade que vivem para dar conta desse tipo de atividade no espaço escolar, dois fizeram alusão à desconfiança de coordenadores e diretores com o uso pedagógico do artefato e dois indicaram o início da carreira profissional como o momento em que foi mais difícil superar esse tipo de reserva, inclusive por parte dos alunos.

Cabe lembrar, que algumas das dificuldades apresentadas pelos professores nesse tópico, foram em alguns casos inicialmente mencionadas ao longo das discussões de outros temas, aparecendo aqui mais uma vez, quando for o caso, para efeito de sistematização. Acredito que, pelo mesmo motivo, alguns desses docentes, aqui, tenham preferido referir-se a outros problemas que não os indicados, em determinadas situações, nos tópicos anteriores.

De acordo com a professora Helena Araújo, ao iniciar a vida profissional, em alguns momentos, viveu situações relativas ao uso do filme que a geravam insegurança. Cita, como exemplo, algumas falas de alunos: *“Você vai passar um filmezinho hoje?”*; *“Vou poder dormir?”*.

Nesse sentido, acredita que a primeira dificuldade que muitos docentes vivam seja a de construir uma outra mentalidade junto aos alunos, no sentido de

fazê-los ver que “o filme pode ser uma coisa prazerosa e séria para trabalhar o conhecimento histórico”.

Uma segunda dificuldade apontada é quebrar, às vezes, o que Helena considera como uma rigidez de certas coordenações, expressa em falas como: “Será que você não está perdendo tempo?”. Ao que, de acordo com seu relato, ela responde: “o ‘perder tempo’, eu ganho tanto à frente, que vocês não imaginam!”.

Para a professora Helena Araújo, nesses casos, o melhor é mostrar a essas coordenações e instituições que o que está em jogo é uma metodologia de trabalho que tem como propósito a construção de conhecimento no campo da história. Acredita que, dessa forma, seja possível ao docente ganhar a confiança das coordenações para esse tipo de trabalho:

“O que eu percebo nas escolas novas aonde chego, é que tanto os alunos quanto os coordenadores olham meio desconfiados. Ao final de um ano, a tendência é eles adorarem. Até lá mostro os roteiros, dou algumas explicações sobre a importância dessa atividade, muitas vezes, para suprir a falta de clareza teórica. E aí, os alunos já me conhecem como uma professora que passa filmes. ‘Qual é o filme que você vai passar esse mês?’, eles perguntam”.

Tendo experiência de trabalho nas três esferas da área pública e na rede privada, segundo Helena Araújo, é nessa última que mais identifica o tipo de dificuldade relatado acima. Mesmo assim, afirma, algumas vezes, colegas da área pública “por curiosidade” comentam: “Mas os alunos não fazem muita bagunça?” ou “Não vale a pena passar, porque eles fazem muita bagunça e dá muito trabalho”.

De acordo com a professora Helena Araújo, dá trabalho sim, há turma que não sabe assistir a filmes, no entanto, acredita que seja uma boa oportunidade “para ensinar que tem que saber calar a boca. Não é possível que em nenhum filme o aluno consiga parar de falar”. A seu ver, é preciso educá-lo em um sentido mais amplo: “Nesse caso, dá trabalho”.

Na instituição pública em que trabalha, segundo Helena, como desde o primeiro segmento do ensino fundamental as crianças já vivem a prática de assistir a filmes, ao chegarem ao ensino médio, poucos são os “problemas de disciplina” para ver um filme: “Já há um hábito. E isso eu acho que é uma coisa legal. Já faz parte da cultura deles”.

De acordo com o professor Luís Afonso, no curso “História e Cinema”, com certeza não enfrenta nenhuma dificuldade. Acredita que isso se deva ao fato de que, desde o início do projeto, nos anos noventa, ele ter sido muito bem aceito e, após uma interrupção, sua volta ter se dado por solicitação da própria instituição escolar na qual trabalha.

No âmbito da prática curricular, segundo esse professor, as dificuldades que surgem são “*superáveis*” e existem a priori. Entre elas, cita: o fato da duração de um filme poder exceder o tempo de aula, o que Luís Afonso considera exigir do docente pensar nesse horário com antecedência; a necessidade de requerer o material para a exibição do filme; por vezes, o imperativo de alterar a disposição da sala.

Nas classes curriculares, lembra o professor Luís Afonso, por vezes, ele trabalha com a possibilidade de selecionar um conjunto específico de cenas. Nesses casos, indica que os alunos assistam ao filme em suas casas, o que implica, de sua parte, na atenção a que a obra escolhida seja de fácil acesso nas locadoras. Frisa, que essa opção de trabalho varia de acordo com o objetivo proposto para a leitura do documento.

Segundo a professora Renata Augusta, em geral, ela não encontra dificuldades em realizar esse tipo de atividade no espaço escolar. As duas escolas municipais nas quais trabalha no bairro da Gávea, zona sul do Rio de Janeiro, afirma, dispõem de vídeo, DVD, sendo necessário apenas o docente marcar previamente o uso da sala. Lembra ainda, a existência de um bom acervo de filmes nessas escolas.

Para Renata, nas escolas particulares em que trabalha o uso do filme encontra condições ainda melhores, pela maior facilidade de programar a atividade.

De acordo com a professora Ana Carolina, muitas vezes, a maior dificuldade com que se depara para trabalhar com filmes na escola está na disponibilidade da sala de exibição: “*Porque, em geral, é uma sala, com uma TV, um vídeo, que nem funciona direito... Às vezes, não tem nem DVD*”. Ou seja, segundo essa professora, a dificuldade é de ordem física, material, enfim, de infraestrutura.

Tendo trabalhado como professora substituta em um colégio da rede federal e outro do âmbito estadual, a impressão que ficou dessas instituições públicas no tocante às condições de realização dessa atividade foi a seguinte:

“É uma dificuldade enorme para você conseguir uma sala, quando consegue, não tem tomada, quando tem tomada, não tem luz, quando tem luz, o vídeo não está funcionando, o cabo foi roubado, alguém levou o cabo para não ser roubado...”

Quanto às instituições particulares, Ana Carolina afirma que, às vezes, a direção pergunta que filme será trabalhado e pede para o professor falar sobre ele. Por outro lado, relata, temas polêmicos geram muitos problemas entre direções e pais dos alunos,

“que ficam muito nervosos e ansiosos que você passe um filme que... possa gerar polêmica. Enfim, o aluno vai chegar em casa, vai perguntar, eles vão ter que responder, vão ter que cumprir função de pai e aí é muito chato, não é? Porque... eles vão ter que cumprir função de educadores e eles não querem nada disso, eles querem que seus filhos sejam educados, mas conformados. Muitos pais querem, não é?”

Para a professora Ana Lúcia, as escolas estão cada vez mais abertas ao uso do filme, desde as mais inovadoras até as mais tradicionais, no entanto, percebe alguma variação no humor quando se trata das temáticas abordadas pelas obras, apesar de ressaltar, pessoalmente, nunca ter vivido algum tipo de repercussão em seu trabalho.

Ana Lúcia cita dois filmes que, em princípio, a exigem um cuidado especial ao exibí-los. Em “Rainha Margot”, afirma, há uma cena em que personagens vivem uma relação sexual e ao lado, presente, um crucifixo. Uma outra parecida, lembra, também faz parte do filme “Em nome de Deus”. Segundo essa professora, “são cenas picantes”:

“Se você coloca e deixa rolar, evidentemente que os alunos vão levar isso para casa. E os pais que não estavam aqui, seja porque não estavam ou mesmo por serem conservadores, vão entender isso de uma forma errada. E vão trazer de uma forma negativa para a escola e querer um respaldo da instituição. E isso gera problema”

De acordo com a professora Ana Lúcia, para evitar essa situação, ela busca contextualizar previamente ao aluno qualquer cena que possa gerar algum incômodo posterior:

“Olha só, existem cenas que vão ocorrer dessa forma, e eu estou acreditando que vocês têm maturidade para assistir, pois entendo que o objetivo não é a cena em si, mas compreender tal coisa”.

Ana Lúcia reafirma, nunca ter tido esse problema, mas ao mesmo tempo, reconhece saber que ele existe, por isso prefere tomar todas as precauções para evitá-lo.

Em relação a um dos filmes citados, “Rainha Margot”, recorda já ter vivido a situação de exibí-lo em uma escola bastante tradicional em termos de mentalidade, de filosofia de escola, no entanto, não teve qualquer problema. Segundo Ana Lúcia, muitas vezes, a dificuldade não está na instituição, mas no aluno que assiste, por isso, defende a idéia de que o educando precisa ter uma boa orientação do docente, de forma a localizá-lo no cenário em que determinada obra será trabalhada no espaço escolar.

No entanto, a professora Ana Lúcia aponta a questão do tempo como o maior “*problema prático*” que enfrenta para dar conta dessa atividade no cotidiano da escola.

Relembra, que sua estratégia para minorar essa limitação, quando possível, é fazer “*parcerias*” com outros professores. Nesse caso, por exemplo, a avaliação sobre o filme trabalhado pode ser feita em conjunto pelos docentes das disciplinas envolvidas.

O professor Hilton Meliande afirma que hoje enfrenta menos dificuldade, mas logo que começou a carreira profissional, chegou a ouvir comentários como: “*Filme não é aula*”; “*Para que filme?*”; “*E o conteúdo?*”. Seu sentimento é de que muitas dessas pessoas tinham realmente preconceito com a entrada do cinema na escola.

De acordo com Hilton, é curioso observar que em pleno século XXI, enquanto todos consideram ser a internet um dos maiores focos de disseminação de informação e divulgação de conteúdo, o cinema, arte centenária, continua sendo encarado por muitos como um mero divertimento, o que de algum modo dificulta sua legitimação como uma fonte de conhecimento. A percepção desse professor sobre como, em parte, é vista a obra filmica, encontra eco nas palavras de Duarte (2002):

“embora valorizado, o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. Sabemos que arte é conhecimento, mas temos dificuldade em reconhecer o cinema como arte (com uma produção de qualidade variável, como todas as demais formas de arte), pois estamos impregnados da idéia de que cinema é diversão e entretenimento” (p.87).

Segundo Hilton, por uma questão “*até de bom convívio*”, pessoalmente, ele consegue superar as dificuldades, apesar de não possuir, em especial, nos colégios particulares em que trabalha, um espaço apropriado para essa atividade. No entanto, sua percepção mais geral é de que continua a ser difícil realizar esse tipo de trabalho nas escolas. Apesar de avanços em termos de aceitação, considera que ainda há diretores, coordenadores e pedagogos que vêm com reserva o uso do filme.

Apesar dos percalços, afirma que hoje, dependendo da instituição, já até consegue convidar alguns coordenadores para assistir às obras que trabalha com os alunos.

O professor Jorge Luís credita a “*um pouco de sorte*” não ter problemas para realizar atividades com filmes nos três colégios particulares em que trabalha. A seu ver, os colegas que encontram dificuldades, têm uma boa chance de terem o uso comprometido pelas limitações. Nos três colégios, Jorge Luís tem acesso a salas específicas para exibição, vídeo e DVD e, em geral, consegue telão para projetar os filmes.

Apesar das boas condições que relata dispor, o professor Jorge Luís aponta a grade de história, ou seja, os tempos disponíveis para as aulas da disciplina, como uma restrição para o trabalho com filmes, ainda que reconheça não ser um problema exclusivo desse campo do saber escolar:

“A grade de história como a de geografia são eternamente pequenas e se você ficar passando filme, inclusive, vai ser considerado enrolão, como eu já ouvi”.

Em função dessa dificuldade, Jorge Luís afirma ser um exagero o professor exibir mais de dois filmes, em uma mesma turma, durante o ano letivo. Em sua prática, o filme aparece como um apoio e, em extrema necessidade, quando considera importante. No entanto, lembra, havendo tempo, passa a ser obrigatório.

A restrição da grade a que faz alusão, leva a que esse professor afirme ter sempre como objetivo, sendo possível, exibir filmes fora do horário regular de suas aulas. Em um dos colégios em que leciona, pelo segundo ano seguido, exercita essa sua perspectiva através de um projeto intitulado “Cineclube Debate”, especialmente voltado para o ensino médio e, em particular, o terceiro ano, série na qual trabalha na instituição.

Segundo Jorge Luís, nessa experiência, não existe um compromisso necessário com a programação das turmas em que trabalha. Afirma que seu objetivo específico é levar os jovens a verem o cinema de uma “*forma diferente*”. Significa, de acordo com esse docente, não apenas ver o filme, mas sobretudo, aprender a lê-lo. Perceberem, por exemplo, que o sujeito que escreveu o roteiro tem uma intenção. Enfim, em seus termos, “*eles terem conhecimento, mesmo, de cinema*”.

De acordo com o professor Wagner Pinto, ele não encontra maiores dificuldades. Comenta que, em uma das escolas nas quais trabalha, há uma orientação no sentido de que se procure, de algum modo, respeitar a indicação da faixa etária recomendada no próprio filme, no entanto, afirma, isso nunca implicou em alguma interferência ou censura às escolhas de filmes feitas por ele. Para Wagner, eventualmente, esse cuidado pode ser válido no que tange a obras indicadas para serem assistidas em casa, sem o acompanhamento, naquele momento, do professor.

Em uma outra instituição, já fez uso do filme “Xica da Silva” de forma editada, pois entendeu que as cenas de nudez iriam desfocar dos aspectos que gostaria de privilegiar, que eram a relação de escravidão e a vida na área de mineração.

Segundo o professor, os problemas que algumas vezes enfrenta são de ordem técnica, como a televisão ser pequena demais ou não poder fazer uso do telão em função do grande número de solicitações, no mesmo sentido, por parte de outros colegas. Frisa, nunca ter vivido qualquer problema quanto à frequência com que trabalha com filmes.

4.11

Disponibilidade de acervo nas instituições escolares

Dos docentes entrevistados, cinco informaram que as escolas em que trabalhavam à época não possuíam acervo de filmes, dois outros afirmaram dispor com alguma facilidade de acervo em suas instituições e um afirmou que a disponibilidade depende do colégio em que ele está trabalhando.

A solução encontrada pelos professores que não têm à disposição um acervo da instituição, em geral, é a de alugar o filme quando precisa fazer uso ou mesmo fazer uma cópia. No entanto, alguns chegam a tomar a iniciativa de comprá-lo, passando então a fazer parte de seu acervo pessoal. No primeiro caso, a maioria relatou não ser repostos pela escola o custo realizado pelo professor com a locação.

A meu ver, esse quadro indica que no universo pesquisado, o trabalho com filmes ainda depende em boa medida da iniciativa do professor, ainda que as instituições venham garantindo, nos casos citados, a infraestrutura inicial, ou seja, a existência de TV ou telão, vídeo ou aparelho de DVD.

Chamou-me a atenção nos depoimentos dos professores, o fato de que quando os indaguei acerca das dificuldades que enfrentavam para fazer uso de filmes nas escolas, apenas um professor fez referência explícita à ausência de acervo nas instituições, no entanto, quando os questioneei diretamente sobre acervo, a maioria afirmou não dispor do mesmo em seus locais de trabalho. Minha questão, portanto, é: por que os professores não arrolaram a indisponibilidade de acervo como uma dificuldade? Minhas hipóteses: uma naturalização da situação de ausência de acervo que não leva o professor a vê-lo como uma limitação para o trabalho; articulado a isso, a percepção de que ele, como professor, é que deve assumir a responsabilidade de ter os filmes que precisa para o trabalho em sala de aula; em meio às inúmeras precariedades com que o exercício da docência em educação básica se defronta em nosso país, o sentimento de que essa é uma questão menor, portanto, nem como dificuldade chega a ser nomeada.

A professora Helena Araújo afirma que adoraria ter um acervo nas instituições em que trabalha, no entanto, como essa não é a realidade, a saída que tem adotado para viabilizar a atividade com filmes tem sido alugar, comprar ou fazer cópias.

Lembra, que desde 1989, quando então teve uma passagem pela rede municipal, as escolas, pelo menos as da zona sul da cidade, já possuíam televisão e vídeo, o que já era *“meio caminho andado, pois tinha a possibilidade de trabalhar com filmes”*.

Segundo informação da professora Renata Augusta, antecipada no tópico anterior, nas escolas municipais em que trabalha, nessa mesma região da cidade, não só aquela infraestrutura referida pela professora Helena Araújo mantém-se, incorporando agora o aparelho de DVD, mas hoje em dia possuem um significativo acervo de filmes.

De acordo com o professor Luís Afonso, na ausência de um acervo permanente, algumas vezes, ele sugere à escola em que trabalha, que seja copiado ou adquirido um filme que tenha a intenção de exibir aos alunos.

Segundo Ana Carolina, o que encontra disponível na escola em que trabalha são oito documentários em VHS: *“Não são ruins, são legais, mas são vídeos, não são DVDs e oito não compõe acervo, não é?”*.

Em geral, os filmes que usa nas aulas de história, ou são alugados por ela em locadoras ou fazem parte de seu acervo pessoal.

A professora Ana Lúcia relatou-me que nas escolas em que trabalha, até a pouco elas tinham o videocassete, mas não possuíam acervo de filmes em VHS, agora renovaram-se, já possuem o aparelho de DVD, no entanto, só uma delas solicitou uma lista de filmes que serão adquiridos no formato compatível.

Afirma que, como gosta muito de assistir a filmes e de revê-los, sempre adquire alguns daqueles que podem ser usados em sala de aula, no entanto, não possuindo os aluga, e lembra: *“as escolas não cobrem isso”*.

Segundo o professor Hilton Meliande, as únicas experiências em que encontrou acervo de filmes nas escolas se deu em instituições públicas, uma federal e outra, no âmbito estadual.

Hilton lembra, que nem sempre é fácil encontrar os filmes que precisa para o trabalho em sala de aula, seja pelo fato de algumas boas locadoras não se localizarem próximas aos locais em que leciona, seja por alguns desses filmes serem muito *“pontuais”*, em outras palavras, serem obras que, muitas vezes, não são encontradas em locadoras de perfil puramente comercial.

O professor Jorge Luís afirma que, o fato da escola possuir algum acervo não significa, necessariamente, atender ao perfil de filmes que gosta de trabalhar

com os alunos. Na maior parte das vezes, ele mesmo tem que levar as obras que pretende exibir: *“Em alguns casos, eu tenho que tirar do bolso, não tem jeito”*.

De acordo com o professor Wagner Pinto, ele sempre teve facilidades em ter acesso aos filmes que precisa para o trabalho, especialmente, em uma das instituições em que leciona. Nesse caso, ao solicitar um filme para exibição, funcionários da instituição se *“mobilizam, procuram e trazem”*, o que Wagner atribui ao fato de haver um setor de audiovisual que assume a tarefa e que funciona tão bem quanto a biblioteca da escola.

Quando necessário, ele também pode dispor da possibilidade de solicitar que seja copiado um filme ou gravado da televisão.

Em escolas que, porventura, não ofereçam essas facilidades, ele prefere montar um acervo próprio, de forma a não depender somente de escolhas prévias, assim podendo, de acordo com o desenrolar do trabalho, decidir de imediato lançar mão de um filme para exibir aos alunos. No entanto, afirma, normalmente, as escolas nas quais trabalha, buscam propiciar condições para a atividade com filmes.

4.12

Desafios no uso do filme junto aos alunos

Os desafios mais apontados pelos professores entrevistados giram em torno de duas questões muito próximas: uma refere-se à necessidade que esses professores sentem de educar o olhar dos alunos para lidar com a imagem fílmica, a outra tem a ver com a dificuldade inicial, sentida por uma parte dos educandos, de aceitar o tipo de filme proposto para o trabalho no ensino de história.

Segundo a professora Helena Araújo, seu maior desafio no trabalho com filmes em sala de aula é incentivar os alunos a ouvir e ver, *“mas o ver observando o filme, entrando na história, aprofundando. E neste sentido é saber ficar calado”*.

Para ela, as turmas estão cada vez mais barulhentas, o que acredita possa ser um sintoma, um mal, da sociedade neoliberal: *“todo mundo fala sem parar e ninguém se ouve”*. Nesse sentido, afirma, o professor é muito mais exigido se tem o propósito de trabalhar o filme seriamente, de modo a propiciar aos alunos o

contato com novos conhecimentos, e não apenas aceita “*fechar a porta da sala de exibição e deixar todo mundo falar*”. Apesar dessas dificuldades, Helena faz questão de frisar: “*a mim não me faz desistir de passar filmes não!*”.

De acordo com o professor Hilton Meliande, o maior desafio é fazer o aluno superar a idéia de que assistir a filmes no espaço escolar se confunde com “*um momento de lazer*” ou “*extensão do recreio*”. Assim, para Hilton, é fundamental o investimento em educar o olhar, de forma a esse jovem entender que um filme “*é muito mais que simples imagens*”.

Para tal, reafirma sua convicção na importância da troca sobre o filme com os alunos como uma oportunidade do professor oferecer novos olhares sobre a obra e o tema em estudo, desvelando as entrelinhas: “*O que vem na nota de rodapé e a gente deixa passar*”.

Em uma perspectiva que guarda aproximações com o professor Hilton Meliande, o professor Jorge Luís afirma que, seu primeiro desafio é superar o desconhecimento dos alunos sobre a arte cinematográfica, incentivando-os a construir uma cultura nessa direção:

“Se ele gosta de filme de guerra, aventura, que ele veja, mas que ele veja como cinema. Não é ver só como diversão (...) é ver o além: saber que alguém escreveu o roteiro; alguém dirigiu o filme; então, tem uma intenção sim!”.

Assim, segundo Jorge, o desafio passa a ser o de “*fazer com que ele consiga enxergar (...) enxergar algo mais*”.

Em relação à questão da resistência dos alunos a determinados filmes, a professora Renata Augusta afirma que, muitas vezes, ela se dá seja pelo fato dos filmes trabalhados serem “*mais longos*” e com um ritmo diferente do que os alunos estão acostumados, seja por determinadas obras conterem uma linguagem que ainda não faz parte de seu cotidiano.

Para a professora Ana Carolina, é comum ocorrer uma resistência por parte dos alunos a filmes de que eles não tenham uma referência prévia. Algumas vezes, segundo ela, reagem: “*Ah, vai passar uma coisa chata! Um troço antigo...*”. Essa professora atribui a reserva inicial “*à memória que eles têm, provavelmente, de outros professores*”.

Assim, seu desafio é mostrar aos alunos que o contato com filmes no ensino de história pode ser *“prazeroso e cultural, no sentido de trazer conhecimento, trazer reflexão”*.

A resistência que a professora Ana Carolina faz referência, a professora Ana Lúcia explica como fruto da ausência de oportunidade dada anteriormente ao aluno para conhecer aquele tipo de obra, em geral, trabalhada pelos docentes de história. Para esta docente, é preciso que os professores assumam como tarefa sua *“ajudar a formar esse hábito”*: primeiro, os familiarizando com o tipo de filme, para depois, começarem a gostar.

Cita como um caso típico de dificuldade, a exibição de filmes brasileiros:

“Os alunos dizem: ‘Ah, filme brasileiro é? Que saco!’. Mas eles não conhecem. Falam algo que desconhecem, entendeu? Então, eu acho que a gente tem que formar pessoas que saibam assistir a filmes”.

Para o professor Luís Afonso, o desafio não está tanto junto ao aluno, mas, pessoalmente, na dificuldade em obter informações mais específicas sobre o filme, que ele possa disponibilizar nas trocas com os educandos. Não exatamente a ficha técnica da obra, mas o contexto na qual ela se insere: *“Não há um material muito abundante com relação a isso. Então, correr atrás disso, às vezes, é muito complicado”*.

O professor Wagner Pinto não vê maiores dificuldades no uso com os *“menores”*, especialmente, se os filmes trabalhados forem *“mais comerciais”*. Em relação a uma pequena parte dos demais o que relata ocorrer, por vezes, é um *“certo desânimo”*, que atribui ao perfil desses jovens:

“São meninos de dezessete anos, que saíram na noite anterior, chegaram tarde em casa, você está no primeiro tempo e ele diz: ‘Pô, estou morrendo de sono’”.

Ou seja, de acordo com Wagner, não seria uma resistência ao uso do filme ou mesmo a um filme especificamente, mas uma decorrência do ambiente pessoal do aluno.

4.13 Avaliação geral sobre o uso do filme

A avaliação dos docentes entrevistados para esse trabalho é unânime quanto a reconhecer como positiva a contribuição que a atividade com filmes traz como instrumento de conhecimento no ensino de história realizado em escolas da educação básica.

A única preocupação apresentada nesse tópico por um dos docentes, porém mais de uma vez reiterada, por diferentes professores, foi a exposta pelo professor Wagner Pinto, ao criticar o uso inadequado de filmes por parte de alguns docentes, que utilizam o filme “*como substituição da aula, simplesmente...*”. Considera que um contraponto a essa prática, seja o de “*pensar o cinema como um instrumento (...) e não simplesmente como um filme que você usa, por exemplo, para preencher dois tempos de aula*”.

A professora Helena Araújo considerou dois aspectos em seu balanço: o primeiro, especificamente ligado ao ensino de história, lembra que uma das experiências mais profícuas possibilitada pelo uso do filme é o de proporcionar aos alunos uma “*vivência*” de algum momento histórico ao qual eles têm que se remeter e fazer o que o historiador Jacques Le Goff chama de reversibilidade temporal, ou seja, a capacidade de um indivíduo de se debruçar sobre um outro tempo. Assim, para Helena:

“quando ajudamos nosso aluno e ele consegue dar mostras de reversibilidade, o filme é tudo de bom. Porque vai ajudar a construir raciocínio histórico, a entender o processo histórico, a entender conjunturas, estruturas, simultaneidade”.

O segundo aspecto considerado pela professora refere-se a uma reflexão a partir de seu lugar de educadora. Helena afirma que a atividade com filmes permite trabalhar diversos aspectos significativos na formação humana: o olhar; a estética; a filosofia; a mentalidade; ter acesso a outras culturas, povos, formas de pensar, outras épocas; etc. Dessa maneira, segundo esta professora, o aluno amplia substancialmente seu horizonte de partida, especialmente, na formação de sua identidade: “*mais crítica, mais aguçada, com maior capacidade de observação e análise sobre o outro, sobre aquele diferente*”.

Para o professor Luís Afonso, ainda existe uma distância abismal entre as condições oferecidas aos alunos para assistirem a um filme na escola e as

encontradas por esses em uma sala de projeção comercial ou em suas próprias casas.

A seu ver, o próprio fato do trabalho com filmes já estar incorporado à prática cotidiana das escolas deveria merecer por parte dessas, uma atenção maior em termos de oferecer um conforto à altura da relevância dessa atividade na programação escolar.

Nas escolas em que trabalha, afirma Luís Afonso, isso ainda é feito de uma forma muito artesanal. Ainda que entenda ser uma questão “*periférica*”, a seu ver, não é de menor importância.

Em termos positivos, ele vê muitos aspectos, mas destaca o fato de os jovens, sentirem-se mais à vontade em relação a esse documento, mais próximos destes do que de outros. Reflexão também compartilhada pela professora Renata Augusta que afirma, não só que o filme é muito bem aceito pelos jovens, mas também que permite ao professor uma aproximação com esse grupo, sem perder os vínculos com o aspecto intelectual e cultural que a arte cinematográfica pode propiciar.

De acordo com Luís Afonso, isso se deve ao fato desse artefato retratar

“com muita força a nossa forma de ser: o cinema, a imagem, está muito presente em nossa sociedade, ainda que não tenhamos uma prática cotidiana de leitura mais sistemática dela”.

Assim, também considera, que a atividade com filmes favorece a possibilidade de interação e participação mais ativa dos alunos.

Renata, por sua vez, afirma que o filme, de alguma forma, revela, constrói ou desperta algo que não necessariamente o livro didático ou mesmo o paradidático consegue, até mesmo, por conta do distanciamento da leitura e da literatura em uma sociedade cada vez mais visual como a nossa.

Assim, para a professora Renata Augusta, o retorno que a atividade com filmes traz para o trabalho com os alunos, em termos metodológicos, não tem comparação com quaisquer outras. No entanto, lembra, o entusiasmo dos alunos com essa atividade, não se dá apenas porque eles percebam o resultado pedagógico do uso do filme, muitas vezes, até o fato de sair do espaço de sua sala de aula e ir para um outro, o de exibição de filmes, gera aos alunos razão de satisfação: “*Ele nem sabe direito o que vai ver lá e já está gostando*”.

Renata ainda lamentou a falta de maior liberdade curricular que permitisse que o filme se fizesse mais presente no espaço escolar, e assim, *“que a gente, realmente, pudesse estruturar um curso em cima do cinema”*. A seu ver, o currículo do ensino médio encontra-se excessivamente voltado a atender à preparação dos alunos para o vestibular, o que acaba limitando o universo de abordagens, perspectivas e documentos possíveis de serem trabalhados, questionamento que também esteve presente na fala do professor Jorge Luís. Para Renata:

“A gente sai da universidade querendo dar conta de muitas coisas... E aí, você chega em uma escola e tem que usar recursos como o livro didático, que para quem trabalha na rede privada não tem como fugir: o pai cobra o uso, pois comprou! (...) ainda não dá conta de a gente fazer essa história bacana que aprende na academia”.

O professor Luís Afonso, conclui sua avaliação, afirmando que

“assistir a um filme com uma determinada postura, com uma determinada perspectiva e, sobretudo, com questões, é algo que pode valer tanto quanto ler um capítulo de um livro (...) É também uma forma de estudar, de conhecer o sentido da história”.

Penso que o professor Luís Afonso toca em algo essencial no trabalho de docentes com o uso de filmes em sala de aula: como atividade que se dá no âmbito de uma relação que pressupõe a construção e reconstrução de conhecimento, ela deve estar guiada por questões que orientem e instiguem as trocas sobre o filme e suas representações da história, em torno dos temas que estejam sendo discutidos em sala de aula. De algum modo, essa menção articula-se ao olhar, em tópico anterior, do professor Hilton Meliande, quando afirmou sua opção por trabalhar com filmes como um instrumento que, sobretudo, favoreça e estimule a reflexão.

Quanto à postura de que fala Luís Afonso, ela me remete à defesa de Carrière (2006) a respeito da necessidade de constituição de um espectador atento frente às imagens. Segundo esse autor:

“basta estar alerta, ter uma lúcida compreensão da linguagem cinematográfica (...) Podemos olhar, então, com novos olhos, para as imagens que nos bombardeiam (...) Nossa habitual passividade pode dar lugar à observação, à curiosidade, à um olhar crítico. Uma atitude necessária, salutar e – sem dúvida, por essa mesma razão – permanentemente ameaçada” (p.58).

Segundo a professora Ana Carolina, um dos aspectos positivos do uso do filme é sua capacidade, como linguagem, de perdurar na memória dos alunos. Em

seus termos, o conhecimento adquirido através do contato com filmes é algo que eles não perdem. Essa mesma avaliação se faz presente nas observações da professora Ana Lúcia, para quem o filme é um artefato poderoso e eficaz tanto quanto um instrumento de conhecimento que tem como qualidade ser duradouro, no sentido do que oferece como material para ser trabalhado: “*não fica só para a sala de aula. Porque acho que a educação é algo que se faz para a vida e quando a gente exhibe um filme, estamos abrindo janelas*”.

Quanto a essa capacidade da imagem filmica ser duradoura, Saliba (2007) afirma:

“As imagens dos filmes flutuam durante muito tempo em nós, como certas músicas que, sem conhecê-la de cor, reconhecemos imediatamente a melodia” (p.91).

Da mesma forma, segundo Abud (2003),

“estudos sobre o tema asseguram que os dados provenientes da visão e audição correspondem a 50% do que é retido pelos alunos. Audição e visão são também responsáveis pela retenção mais duradoura daquilo que os alunos aprendem” (p.188).

Para Carrière (2006), desde o início da aventura cinematográfica,

“os cineastas perceberam que a memória de imagens pode, às vezes ser mais forte e duradoura do que palavras e frases” (p.22).

Ana Carolina encerrou sua avaliação se queixando quanto às dificuldades que já enfrentou para levar os alunos a sessões nos cinemas da cidade. Primeiro, de parte das próprias escolas em que tem atuado, pois não incentivam esse tipo de atividade, alegando ser desnecessário na medida em que dispõem de equipamento de vídeo. De acordo com essa professora, a possibilidade dos alunos serem levados ao cinema sequer é cogitada como atividade curricular, o que ela gostaria, como oportunidade de torna-la uma experiência educativa.

Por outro, em relação aos cinemas, segundo a professora, falta uma política de incentivo a sessões voltadas para as escolas: “*Quando você liga, eles não são muito receptivos*”. Lembrei-lhe que o Estação Botafogo e o Espaço de Cinema costumam ter projetos nesse sentido.

De acordo com o professor Hilton Meliande, ele não consegue mais hoje separar sua aula da possibilidade do trabalho com filmes. Afirma, que a obra cinematográfica tornou-se positivamente um elemento de sedução, referência e de

proximidade com os alunos, criando condições positivas para o estudo das temáticas relacionadas ao ensino de história.

Hilton percebe melhorias em termos de interesse e desempenho dos alunos como resultado do uso do filme em sala de aula. Atribui isso ao fato dos alunos se sentirem mais estimulados a estudar, a poder entender e a interpretar de forma diferente daquelas que habitualmente são associadas ao processo de aprendizagem escolar.

Além desses aspectos, esse professor afirma que para compreender história é essencial mobilizar a capacidade de fazer articulações entre os fatos, eventos, o que, de algum modo, não só o filme estimula, mas também oferece em sua leitura da história.

De acordo com o professor Jorge Luís, um sinal de que os docentes de história da educação básica, de um modo geral, têm feito um uso significativo de filmes nas instituições escolares é o fato de uma boa parte dos livros didáticos de história virem, hoje, acompanhados de sugestões de filmes a serem trabalhados. Para ele, não fossem as enormes limitações de tempo para dar conta do ensino de história no espaço escolar, a atividade com filmes, de apoio que é, poderia se tornar uma prioridade.

Segundo o professor Wagner Pinto, como ele gosta de explorar diferentes linguagens em sala de aula, o cinema lhe oferece muitas possibilidades, por incluir a narrativa, a imagem, a trilha sonora, essa, muitas vezes, tornando-se um personagem do filme. Portanto, afirma Wagner, *“o cinema traz essa riqueza de instrumentos. Uma matéria-prima muito grande, que você pode utilizar em sala de aula”*.

Wagner concluiu a avaliação, apresentando sua preocupação quanto a que os professores possam dispor de experiências de formação que os instrumentalize de maneira adequada a trabalhar com o cinema na escola. Segundo ele, até porque o ensino de história na educação básica não tem sido um objeto de atenção nos anos de formação na graduação. Em seus termos: *“algum espaço para discutir, trocar experiência (...) conhecer mais cinema, a linguagem, escapar das indicações do Oscar!”*.

Quadro síntese

Apresento, a seguir, uma síntese da análise das falas dos professores entrevistados, organizada a partir dos eixos temáticos que a nortearam. Aqui foram priorizadas recorrências e diferenças identificadas na reflexão que os professores fizeram acerca do tema central deste estudo.

1. O que pensam os professores entrevistados sobre ensino de história; cinema; e ensino de história e cinema

a) Ensino de história.

Predominante:

. os professores relacionaram o ofício de ensinar história aos seguintes objetivos: levar os alunos a compreender sua relação com a época e o mundo em que vivem a partir de uma perspectiva histórica; tornar acessível aos alunos uma parte do conhecimento e da cultura elaborados pelos seres humanos ao longo tempo; fazer do conhecimento histórico um instrumental na formação de uma jovem cidadania sensível e comprometida com as questões de seu tempo; capacitar seus alunos a ler e analisar criticamente a produção cultural e científica de sua época;

. o ensino de história esteve associado ao tema da vida, das formas de viver e da própria história como algo viva.

Diferente:

. associar o ensino de história ao trabalho com uma memória coletiva.

b) Cinema.

Predominante:

. os professores entrevistados têm uma trajetória de expectadores entusiastas e vêem o cinema como uma forma de expressão de arte; também esteve presente a percepção do filme como um bem cultural e do próprio entrevistado como um cinéfilo.

Diferente:

- . o percurso de cinéfilo e de profissional que atuou alugando e vendendo filmes do professor Jorge Luís e de formação como atriz, aspirante a atuar no cinema, da professora Ana Lúcia;
- . a menção ao cinema como hobby;
- . a percepção do cinema como instrumento de formação cultural;
- . a idéia de que o contato com a arte cinematográfica implica em um conjunto de atitudes, geralmente, associadas ao universo dos chamados cinéfilos.

c) Cinema e ensino de história.Predominante:

- . os professores entrevistados fizeram referência à contribuição que a imagem filmica traria ao processo de conhecer e ensinar história e à força da imagem como “reconstrução” ou representação do real; nesse sentido, esses docentes entendem que o filme permite tornar concretos, através da imagem em movimento, conteúdos, conceitos, expressões da vida cotidiana, trabalhados no ensino de história que, para os mais jovens, podem ser extremamente abstratos;
- . demonstraram preocupação com que as obras filmicas utilizadas no espaço escolar sejam devidamente localizadas em seu contexto histórico-cultural de produção;
- . a possibilidade e a opção de trabalhar o filme como documento;
- . a preocupação dos professores com os problemas de tratamento da história nos filmes trabalhados no espaço escolar, em particular, em termos de correção e precisão históricos.

Diferente:

- . a idéia de que o filme permite ao aluno imaginar.

2. O que leva os professores entrevistados a fazer uso de filmes nas aulas de história da educação básicaPredominante:

- . a justificativa do uso por razões de ordem metodológica.

Diferente:

- . o uso de filmes também foi justificado tendo em conta a opção por uma determinada filosofia da educação, nesse caso, o construtivismo;
- . um outro tipo de motivação indicada foi o de propiciar aos alunos o acesso à produção cinematográfica como bem cultural.

3. Como os professores entrevistados fazem uso de filmes em suas aulas

Predominante:

- . preferem fazer o uso do filme durante e ao final do trabalho com um tema;
- . optam por exibir os filmes em sua integralidade;
- . aceitam fazer algum tipo de corte de cena ou trecho de filme, apenas, por razões estritamente pedagógicas;
- . afirmam ser importante interromper a exibição dos filmes seja para chamar a atenção dos alunos para aspectos da obra seja para tirar dúvidas;
- . o reconhecimento da necessidade de interromper, vem acompanhada do dilema do quanto interromper;
- . consideram importante que a atividade com a imagem fílmica seja acompanhada de um roteiro de observação ou da indicação de elementos do filme para os quais os alunos devam estar atentos, ou ainda, questões que inspirem debate;
- . ao iniciar-se a exibição de um filme no espaço escolar é necessária a apresentação da obra não só quanto aos dados de produção (ano; país; diretor; etc), mas também em relação ao contexto histórico com o qual dialoga;
- . a defesa de realização de uma discussão sobre a obra após a exibição;
- . o uso do filme no espaço escolar deve ser entendido e aceito por alunos e demais membros da comunidade escolar como “*parte integrante da aula*” e não como “*intervalo*” ou “*tempo vago*”;
- . o uso do filme deve ser combinado com outros procedimentos e recursos didáticos, portanto, ele aparece na composição de um trabalho que busca, em geral, ancorar-se em mais de uma fonte, sendo o filme, uma delas;
- . preocupação com os limitados tempos escolares para dar conta desse tipo de atividade.

Diferente:

- . a menção a abrir um tema ou uma unidade com esse tipo de atividade;
- . em algumas situações, alguns desses professores selecionam cenas ou trechos dos filmes por desejarem, nessas situações, discutir um aspecto localizado da obra e não ela em seu todo;
- . a compactação de trechos dos filmes por limitações no tempo de aula;
- . certos professores fizeram referência ao fato de, muitas vezes, as interrupções poderem ser combinadas com intervenções dos docentes sem implicar em algum tipo de pausa;
- . alguns desses docentes fazem do roteiro de observação do filme uma referência para um posterior trabalho com os alunos. Em certos casos, o próprio roteiro já aponta as questões a serem desenvolvidas pelos discentes;
- . alguns dos entrevistados chamaram a atenção para o fato de que é comum, em suas aulas, que a discussão sobre a obra assistida já inicie-se durante a exibição, em geral, em função de demandas dos próprios alunos;
- . a queixa quanto ao tempo disponível para exibir filmes só não apareceu, quando a atividade ocorre fora do horário regular das aulas, em geral, em projetos extraclasse.

4. Que avaliação geral esses professores entrevistados fazem sobre o uso do filme no ensino de históriaPredominante:

- . reconhecem como positiva a contribuição que a atividade com filmes traz como instrumento de conhecimento no ensino de história que se dá na educação básica;
- . vêem o filme como uma linguagem e um documento mais aceito pelos jovens do que outros e, de um modo geral, atribuem isso ao fato do cinema se fazer muito presente em nossa sociedade, em especial, nas grandes áreas urbanas, mas também por conta do distanciamento da leitura e da literatura em sociedades cada vez mais visuais como a nossa;
- . consideram que a atividade com filmes favorece a possibilidade de interação e participação mais ativa dos alunos nas aulas de história;

- . crêem na capacidade da linguagem cinematográfica ser “*duradoura*”, ou seja, se fazer presente por um longo tempo como registro no aluno;

- . vêem como positivo o fato da linguagem cinematográfica incorporar outras linguagens em seu interior através da presença da narrativa, da imagem e da trilha sonora;

- . consideram que o uso do filme, proporciona aos alunos o contato com a representação de um determinado momento histórico, ao qual eles têm que se remeter, muitas vezes, tendo de debruçar-se sobre um outro tempo diferente da sua época.

- . afirmam que assistir a filmes é também uma forma de conhecer e estudar a história, assim como são outras fontes do saber historiográfico, como a literatura, a pintura, a música e tantas mais.

Diferente:

- . um aspecto salientado referiu-se à possibilidade da atividade com filmes permitir o trabalho com diversos elementos significativos na formação humana, tais como: o olhar; a mentalidade; o contato com outras culturas; etc; o que contribuiria, nessa perspectiva, para a formação de uma identidade “*mais crítica*”;

- . a lembrança de que o trabalho com filmes deveria merecer por parte das instituições escolares uma atenção maior, em termos de oferecer um conforto para sua realização compatível com a relevância dessa atividade na programação escolar;

- . a avaliação de que o retorno que a atividade com filmes traz para o trabalho com os alunos, em termos metodológicos, não tem comparação com quaisquer outras;

- . a percepção de melhorias em termos de interesse e desempenho dos alunos como resultado do uso de filmes no ensino de história;

- . o estímulo que a obra filmica oferece para que o aluno mobilize sua capacidade de fazer articulações entre fatos, eventos, essencial para a compreensão da história;

- . a observação de que, não fossem as enormes limitações de tempo que os professores de história enfrentam no espaço escolar para dar conta de seus programas, a atividade com filmes, de apoio que é, poderia se tornar uma prioridade.